



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

CRISTOFE LAGE GOMES

O Padre Bartolomeu do Quental: fundador da Congregação do Oratório em Portugal. Vivência e uma aproximação às origens da Congregação do Oratório em Portugal.

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto

2016

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I	
CONTEXTO HISTÓRICO E ECLESIAL	7
1. Contexto histórico e eclesial europeu do século XVII	7
1.1 Contexto histórico de Portugal no século XVII.....	13
2. Contexto histórico e espiritual	17
2.1 A Espiritualidade da Europa nos séculos XV-XVII	18
2.2 Contexto histórico-espiritual de Portugal.....	21
CAPÍTULO II	
VIDA E OBRA DO VENERÁVEL PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL	25
1. Vida do Venerável padre Bartolomeu do Quental	25
1.1 Os primeiros anos em Fenais da Luz	25
1.2 No Continente	26
1.3 Pregador e confessor da capela real	28
1.4 Traços missionários	29
1.5. Últimos dias	33
2. A Congregação do Oratório em Portugal	34
2.1 A fundação	34
2.2 Estatutos a adoptar	37
2.3 Estatutos: preparação e aprovação	39
3. A difusão da Congregação do Oratório em Portugal	47
3.1 Freixo de Espada a Cinta	47
3.2 No Porto	48
3.3 Braga.....	49

4. Organização interna	50
CAPITULO III	
ESCRITOS DO VENERÁVEL PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL	54
1. O ministério da palavra ao longo dos tempos	54
1.2 Sermões do padre Bartolomeu do Quental	57
1.3 Análise aos sermões	60
2. Outros escritos	64
CONCLUSÃO	67
BIBLIOGRAFIA	69
1. Fontes	69
2. Bibliografia Geral	69

INTRODUÇÃO

Ao finalizar o Curso de Mestrado Integrado em Teologia, propus-me realizar a dissertação final sobre a obra do padre Bartolomeu do Quental, com o tema *O Padre Bartolomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratório em Portugal: Vivência e uma aproximação às origens da Congregação do Oratório em Portugal*.

Pouco me era conhecido até agora da Congregação do Oratório e ainda menos da figura do padre Bartolomeu do Quental. Estando um dia a ler a muito conhecida obra: *Os Santos de Portugal* da autoria de João César das Neves, encontrei o nome do autor em estudo. Despertou o meu interesse esta personalidade tão peculiar e, antes de tudo, propus-me conhece-lo por razões vocacionais: queria entender quais as suas motivações para o sacerdócio.

Uma das principais obras do padre Bartolomeu do Quental foi ter impulsionado a fundação da Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri em Portugal. Hoje extinta, esta Congregação de Sacerdotes e de leigos, teve um papel extremamente importante no que diz respeito à missionação, ao ensino e à parenética em Portugal.

A dissertação final está dividida em três capítulos, nos quais faremos uma aproximação à vida e obra do padre Bartolomeu do Quental, focando-nos sobretudo no que diz respeito à Congregação do Oratório em Portugal.

No primeiro capítulo, apresenta-se resumidamente o contexto histórico e eclesial da Igreja no século XVII, nomeadamente os países que tiveram uma maior preponderância no que diz respeito à Igreja Católica. De seguida, contextualiza-se o panorama português, no contexto histórico e religioso contemporâneo ao padre Bartolomeu do Quental. Depois apontamos algumas etapas da evolução da espiritualidade, primeiro na Europa e depois no contexto português. O objectivo do primeiro capítulo é contextualizar, de uma maneira sucinta, o espaço e o tempo que percorre a vida do padre Bartolomeu do Quental.

O padre Bartolomeu desempenhou um papel muito importante como Pregador e Confessor no tempo do rei D. João IV, quem o nomeou, mantendo-se com Afonso VI e depois com D. Pedro II. Por esta razão é-nos útil um apanhado geral do contexto português durante o século XVII.

No segundo capítulo, apresentamos a vida do padre Bartolomeu, através dos momentos mais relevantes da sua infância até que vem para Portugal, onde estuda e é ordenado sacerdote, onde trabalha até à sua morte. Aqui contactamos com um homem que marcou profundamente o seu tempo, através do exemplo, da disciplina e da rectidão. Mergulhado num ambiente, por vezes hostil, sobretudo no reinado de D. Afonso VI, soube vencer as dificuldades, conseguindo frutificar em sua obra. Usaremos também nesta análise, ainda que brevemente, a correspondência que trocou com Roma, principalmente com o seu procurador, o padre João Vitória, sobre a questão da aprovação dos Estatutos na nova Congregação fundada em Lisboa no ano de 1668.

No terceiro capítulo, procura-se fazer uma aproximação, ainda que breve, aos seus escritos e à sua espiritualidade. Como Pregador da Corte, o padre Bartolomeu do Quental escreveu uma série de sermões para uma futura publicação. Não temos a pretensão de fazer uma análise profunda aos sermões, declamados na Corte, mas sim dar a conhecer alguns excertos, com o intuito de por a descoberto essa profunda experiência de Deus. Apresentamos também as restantes obras por eles publicadas, isto é, as meditações acerca de Jesus Cristo em três volumes e meditações dos Domingos do ano, também em três volumes.

Para a elaboração desta tese irei recorrer a algumas obras publicadas, que em primeiro lugar, procuram contextualizar o ambiente civil, político e religioso durante a vida do padre Bartolomeu do Quental. Assim, os dicionários de história religiosa, de história de Portugal e da Europa foram as principais fontes. Por seu turno, a tese de Doutoramento do Professor Doutor Eugénio dos Santos, revelou-se um precioso e quase único instrumento sobre os Oratorianos em Portugal, de tal forma que é a fonte privilegiada do segundo capítulo. Em boa verdade, deve-se a este autor a transcrição dos principais manuscritos e o compêndio de toda a riqueza textual até então desconhecida dos meios académicos. De igual forma, só através deste meritório trabalho foi possível o terceiro capítulo que procura o rosto e os traços da espiritualidade do padre Bartolomeu do Quental, numa aproximação, ainda que limitada, aos sermões por ele proferidos na Corte Real, ao mesmo tempo que se procura desvendar nas suas cartas a face mais reservada e íntima deste humilde padre açoriano.

Num tempo adverso e gozando de um estatuto privilegiado o padre Bartolomeu do Quental soube participar desse renovamento espiritual que desde o século XVI se

vinha intensificando, sobretudo através de personalidades como S. Filipe de Néri cuja inspiração é a base dos Oratorianos.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO E ECLESIAL

Neste primeiro capítulo vamos abordar alguns elementos históricos, principalmente relacionados com a situação da Igreja durante o século XVII. É importante conhecermos o panorama social e eclesial da época em que o padre Bartolomeu do Quental viveu. Para contextualizar a situação religiosa da Europa, principalmente no que se refere ao século XVII vamos seguir de perto as ideias de dois autores, José Garcia Oro e Philippe Tourault¹.

Seguindo estes autores podemos constatar que a Igreja passou, nesta etapa da sua história, por períodos de menos fulgor e até de alguma dependência face ao Estado, o que não terá permitido o crescimento espiritual e também intelectual numa larga maioria das pessoas, levando a cabo um certo desenvolvimento da religiosidade popular que foi de grande influência nesta época.

1. Contexto histórico e eclesial europeu do século XVII

No século XVII a Igreja Católica apresenta-se como uma estrutura institucional bem definida. O papado consegue recuperar o governo monárquico e a Cúria Romana transforma-se num organismo forte e complexo. A par disto, os bispos ganham poder em relação aos cabidos e às corporações eclesiásticas, os padres são submetidos a provas, isto é, a uma formação mais completa dada nos seminários com o objectivo de os capacitar para a pastoral, principalmente na administração dos sacramentos. Também os fiéis continuam marcados pelos catecismos que sabem de cor e vivem um estilo religioso de vida tendo por base as normas eclesiástico-canónicas, a prática sacramental e a piedade popular. Neste contexto, surgiu na Europa a reforma protestante que demonstrava nas suas atitudes uma polaridade de formas, uma atitude anti-romana bem como a liberdade de iniciativa².

No contexto europeu do século XVII dá-se um fenómeno interessante visto que os reinos foram perdendo a sua identidade, permitindo que estes fossem entregues às monarquias centralizadoras. Passam a ter um dispositivo legislativo, exército, moeda

¹ Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia*. III: Época Moderna. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005; TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja*. Nem Martins: Publicações Europa-América, 1996.

² Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, p. 180.

única, entre outros aspectos, e, a partir deste momento, o rei absorve todo o poder governativo, mesmo apesar das maneiras pouco ortodoxas pelas quais conseguira tal poder. O poder monárquico ganha uma nova fisionomia e, digamos assim, consegue juntar três estados: a nobreza, a igreja e as cidades, que têm como missão aclamar e exaltar a realeza. Tendo em conta este panorama, a nobreza e o clero, não perdendo a condição senhorial, encontram na Corte Real uma forma de desenvolvimento e crescimento. Contudo, a religião torna-se um instrumento de governo monárquico, ou seja, tanto os príncipes católicos como os protestantes procuravam controlar efectivamente a Igreja Católica e a Igreja Protestante respectivamente³.

Nesta fase da história europeia, tendo em conta as monarquias, torna-se difícil a pertença e a identidade religiosa. A sul e a oeste da Europa, como são os casos de Itália, Espanha, França e Portugal, existia uma uniformidade religiosa, isto é, os reis e os papas pactuavam entre si uma configuração religiosa, neste caso a religião católica. Pelo contrário, a norte do Danúbio damos-nos conta que existia uma confusa e inconstante geografia confessional, a nível das fronteiras, que mudavam constantemente, os redutos senhoriais e religiosos eram abundantes e os soberanos procuravam unir a fé cristã. Por tudo isto os conflitos políticos têm sempre presente a questão religiosa⁴.

No século XVII o papado identifica-se fundamentalmente com a cidade de Roma e a religião Católica. Esta não sendo a única na Europa, é, sem dúvida, aquela que congregava o maior número de fiéis neste século⁵.

“Mais que nunca o papado se identifica com a cidade de Roma. O pontificado conseguiu forjar a primeira corte da Europa. É a Roma do Vaticano e suas vilas; das igrejas e conventos; dos palácios e vilas suburbanas dos nobres e cardeais; das grandes bibliotecas, arquivos e museus, que agora se convertem em academias de eruditos; das devoções com templos, ermitas e confrarias; da música religiosa; da iconografia dogmática bem definida e solene; da caridade nos hospitais e refúgios”⁶.

Neste pequeno texto podemos ver a preponderância que o Papa tinha na altura. Mantendo o seu papel de suprema instância doutrinal, moral e jurídica, o Sumo Pontífice era, no século XVII, quem detinha o poder, mesmo apesar do absolutismo monárquico ter a pretensão de controlar a Igreja nos diversos estados. A Igreja Católica

³ CF. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, pp. 180-181.

⁴ CF. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, pp. 181-182.

⁵ Nesta fase houve vários papas: Paulo V, Gregório XV, Urbano VIII, Inocêncio X, Alexandre VII, Clemente X, Alexandre VIII, Inocêncio XI.

⁶ ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, pp. 185-186.

de então é um poder organizado, tanto a nível do aparelho central das congregações e dos tribunais, como a nível diplomático tendo um Secretário de Estado, cargo ocupado por um cardeal ajudado pelos núncios, facilitando os acordos entre os vários Estados. Tendo em conta as questões sociais, a monarquia não conseguiu resolver os problemas que daí surgiam, de tal forma que cabia à Igreja a resolução dessas questões que cumpriu com a criação de colégios jesuítas e seminários, ensino da Moral e de questões doutrinárias, instituições hospitalares, missões populares e a literatura. Através da missionação o papado obteve uma projecção universal, se bem que limitado pela autoridade real em Espanha e Portugal. Foi também importante a acção das ordens religiosas, no que diz respeito à missionação. Através destes mecanismos foi possível um certo desenvolvimento social e religioso na Europa do século XVII⁷.

Neste século a Igreja Católica está fortemente enraizada nas monarquias modernas bem como nas culturas nacionais. Possui uma estrutura institucional mais sólida tendo em conta o panorama da vida pública. Os estados procuram, nesta fase, o apoio eclesiástico para o governo social e político. No entanto, todos os mecanismos utilizados pela Igreja andam na órbita do Estado, a hierarquia, os grupos eclesiásticos, doutrinas, correntes de opinião etc., ou seja, na prática a Igreja era um instrumento governativo utilizado pelos Estados.

A par de tudo isto é importante referirmos os aspectos mais importantes nesta fase da história da Igreja. Países como a França, a Itália, a Alemanha, a Inglaterra e a Espanha foram os reinos que mais evoluíram neste período de tempo. Não nos vamos deter em pormenores mas apenas apresentar algumas ideias referentes a cada um dos países enunciados, principalmente nos casos da França e Itália porque nestes Estados foi grande o incremento da Congregação do Oratório. No caso de Portugal, no segundo capítulo, faremos uma pequena abordagem ao nascimento e difusão da Congregação do Oratório.

No que se refere ao caso da França, é importante fazermos referência aos acontecimentos anteriores ao século XVII. Assim, a França foi abalada por oito conflitos político-religiosos entre os anos de 1562 a 1598. Com o reinado de Henrique IV a guerra tornou-se um dos grandes obstáculos à Igreja Católica. Como protestante, o rei teve que abjurar o protestantismo na basílica de Saint-Denis em Julho de 1593. Cinco anos mais tarde o Édito de Nantes, no ano de 1598, marcou o fim das

⁷ Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, p. 186.

hostilidades. Tendo em conta esta situação, pela primeira vez, há uma religião, a do príncipe, que não era legalmente imposta aos súbditos⁸.

Na Europa, a França assume um papel importante e particular com o reinado de Luís XIV. O rei tinha a pretensão de se tornar soberano da Igreja na França. Há já muito tempo que em França, o rei era «o ungido do Senhor», o «tenente de Deus na Terra», títulos que contribuíram para a divinização da pessoa do soberano. Esta situação era contrária à vontade do Papa, o legítimo sucessor de Pedro e chefe da Igreja Católica, pois era contestado pelo rei e também pelo clero. O galicanismo impulsionado na França nos séculos XV e XVI, influenciou Luís XIV de se libertar da tutela papal, para assim implementar a sua autoridade no reino. Neste campo, em França havia o direito de regalia, isto é, a administração dos rendimentos e nomeações eclesiásticas passava a ser feita pelo soberano. Perante esta situação, houve reações negativas por parte da Igreja francesa. Contudo, este número era reduzido, só dois bispos é que eram contrários a esta forma de governo, enquanto os outros prelados não tomaram nenhuma atitude perante tal procedimento régio⁹.

Luís XIV, como autoridade máxima do reino, procurou efectivamente a sua afirmação total. Para ter poder sobre o seu clero, o rei adopta medidas contra os protestantes, limitando os seus direitos e demolição de templos. Também fez frente a mais dois movimentos: o jansenismo e o quietismo¹⁰.

Apesar de tudo isto, ou seja, das lutas político-religiosas e da reforma católica, a França teve, no século XVII, um florescimento religioso. A formação nos seminários era mais séria, de modo que os padres eram melhor preparados para o trabalho pastoral. “*Por pressão do episcopado, renunciaram em grande número ao concubinato, entregaram-se cada vez menos à embriaguez e à intemperança*”¹¹. Na recta final do século XVII quase todos os padres residiam nas paróquias, o que facilitou o acesso dos fiéis aos sacramentos, uma maior frequência das missas, o ensino e uso do catecismo, ou seja, condições mais favoráveis para um florescimento espiritual.

No que se refere à Itália, nota-se que as reformas estabelecidas nos séculos XV e XVI não tiveram grande efeito e repercussão no século XVII. Mesmo o Concílio de

⁸ Cf. TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, p. 223.

⁹ Cf. TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, pp. 233-234.

¹⁰ O Jansenismo e o Quietismo, são duas correntes que surgiram na França e foram condenadas como heresias. O Jansenismo é uma doutrina de Jansénio, bispo de Ypres, sobre a Graça e a Predestinação. O Quietismo é uma doutrina mística que faz consistir a perfeição cristã no amor de Deus e na inacção da alma sem obras exteriores.

¹¹ TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, p. 242.

Trento, com a sua força reformadora, não foi capaz de introduzir grandes novidades em Itália, visto que os estados italianos foram perdendo, ao longo dos tempos, a força reformadora, exceptuando o caso de Veneza. Neste período, em Itália, havia uma forte pluralidade de vivências e de comportamentos. Alguns estados evidenciaram-se mais dos que os restantes, como são os casos: de Génova, Milão e Veneza tendo em conta à capacidade de afirmação e de governo. A par disto, importa saber de que forma a Igreja Católica soube enquadrar-se nesta situação concreta. À excepção de Veneza, todos os estados italianos optaram por um regime cristão, visto que a maioria dos italianos apoiavam a Igreja: da jurisdição, a nível fiscal, na ortodoxia, no calendário religioso e principalmente na família com fortes traços religiosos. É evidente que este apoio tinha outras intenções, ou seja, havendo esta ligação próxima entre os estados e a Igreja, possibilitava a participação estatal na vida quotidiana da Igreja, através de concessões pontificias com os prelados¹².

Como foi referido anteriormente, o contexto eclesial não se alterou muito. Os altos dignitários da Igreja provêm da nobreza, têm como objectivo a carreira eclesiástica e a promoção. Esta situação não influencia a relação da Igreja com os fiéis. O clero, muito numeroso, vai aumentando os seus recursos económicos. Esta fragilidade no clero é fruto da falta de preparação nos colégios religiosos, não colocando em prática as normativas do Concílio de Trento. A religiosidade italiana, desta fase da história, pauta-se por uma piedade popular alimentada pelas pregações, muito à custa das ordens religiosas, sobretudo jesuítas e capuchinhos¹³. Em relação às ordens religiosas, estas repetem os erros dos séculos passados, isto é, o panorama dos institutos religiosos nesta fase é caracterizado por um relaxamento e apatia, devido ao número elevado de membros e à escassez de formação nas ordens religiosas e também das “*exceções jurídicas e fiscais que incomodam os prelados e os municípios*”¹⁴.

Entretanto, o espírito de reforma foi-se alargando o que proporcionou o aparecimento de novos grupos religiosos ou congregações com as seguintes características: oração mental, liturgia ascética e simplificada, pobreza, austeridade, penitências, estudos, etc., ou seja, apesar do panorama italiano acima enunciado, houve um espírito reformador que foi capaz de dar a volta à situação¹⁵.

¹² Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, p. 212.

¹³ Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, p. 214.

¹⁴ TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, p. 215.

¹⁵ Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, p. 215.

É importante fazermos uma aproximação à situação religiosa de Itália, dado que foi aí que nasceu a Congregação do Oratório pela ação de S. Filipe de Néri e que influenciou, em grande parte, a criação desta mesma congregação em Portugal pelo padre Bartolomeu do Quental.

No caso da Alemanha é fundamental referirmos a Guerra dos Trinta Anos. Neste caso os checos da Boémia, região da Europa Central que corresponde a uma parte do território que hoje conhecemos como República Checa, converteram-se ao protestantismo. No ano de 1609 obtiveram, por parte do Sacro Império, a liberdade de culto. As tensões foram surgindo, até que o novo Imperador, Fernando II, católico e antigo aluno dos Jesuítas, interveio militarmente. Esta situação causou a revolta dos protestantes, sobretudo a Dinamarca e a Suécia, abriram as hostilidades, mas sem sucesso. Neste contexto actuou a França que declarou guerra aos Habsburgos de Espanha e do império. Daqui surgiu a Paz de Vestefália no dia vinte e quatro de Outubro de 1648 em que os trezentos e cinquenta Estados alemães viram reforçada a sua independência. Já no que diz respeito ao aspecto religioso, mantiveram-se firmes os trâmites obtidos na Paz de Augsburgo de 1555. Consequência de tudo isto foi que na Alemanha, tanto os calvinistas como os católicos e protestantes, obtiveram os mesmos direitos¹⁶.

A Inglaterra, entre os anos de 1642-1649, atravessa uma grave crise político-religiosa e o rei Carlos I tinha aspirações absolutistas. A seguir governa o rei Carlos II que trouxe algumas esperanças de reconciliação. Mas, no entanto, nada disso aconteceu. A «lei da prova» de 1673, lei votada pelo Parlamento, “*impunha aos funcionários o repúdio da transubstanciação e a prestação de um juramento a favor da supremacia régia, medidas tomadas contra o papa e os «papistas»*”¹⁷. Nessa altura muitos padres seculares e religiosos foram assassinados. Esta onda de violência teve uma solução curta, com o reinado de Jaime II. A partir do reinado de Guilherme III, as coisas azedaram e durante cento e cinquenta anos a Igreja Católica foi-se decaindo e o que proporcionou a consolidação do protestantismo em Inglaterra¹⁸.

A Espanha manteve-se longe do protestantismo, muito à custa da Inquisição e também do governo do rei Filipe II. Estava, nesta altura, enraizada no catolicismo, o que

¹⁶ TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, pp. 223-224.

¹⁷ TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, p. 232.

¹⁸ Cf. TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja...*, p. 232.

fez com que houvesse um vasto número de religiosos, de clero e de fiéis. A Espanha neste período teve um grande impacto na questão da missionação.

A Monarquia Católica espanhola estava em processo de decadência, por causa de disputas territoriais, bancarrotas, diminuição da população etc., bem como o sistema político das monarquias estava muito centrado na figura do soberano, como é o caso de Filipe II que era um monarca débil. Nos anos de 1640-1660 a monarquia espanhola cai em quase todas as suas bases¹⁹.

A par de tudo isto, é importante saber qual o papel da Igreja no seio da sociedade espanhola. Vendo o panorama de Espanha no século XVII, é possível constatar que as mudanças propostas pela reforma do Concílio de Trento não foram significativas. O episcopado também não era exemplar, tendo em conta que havia uma disparidade em relação à riqueza de uns e pobreza de outros.

Neste ponto, tivemos como objectivo traçar o contexto histórico, ainda que breve, da Europa no tempo do padre Bartolomeu do Quental. Achamos importante contextualizar a época, que de certo modo influenciou a maneira de pensar e de agir do padre Bartolomeu do Quental.

1.1. Contexto histórico de Portugal no século XVII

No ponto anterior tivemos como objectivo apresentar o contexto histórico-religioso da Europa do século XVII, principalmente nos casos da Itália e da França visto que foram importantes no que se refere à fundação da Congregação do Oratório. Agora passamos para o panorama português que envolve o período de tempo em que o padre Bartolomeu de Quental viveu. Assim, iremos contextualizar Portugal no tempo do domínio Filipino (1580-1668) até ao reinado de D. Pedro, irmão de D. Afonso VI. Neste ponto vamos seguir de perto as ideias de José Hermano Saraiva e a História de Portugal sob coordenação de Damião Peres²⁰.

No ano de 1581 é aclamado rei Filipe II nas Cortes reunidas em Tomar. Daí saiu um novo estatuto político, tendo como principais pontos os seguintes: o rei não podia

¹⁹ Cf. ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia...*, p. 242.

²⁰ Cf. SARAIVA, José Hermano Saraiva – *História de Portugal: Progressos e conflitos sociais; A solução Atlântica; Monopólio oriental*, vol. 3 [S. I.]: Publicações Europa-América, 2013, pp. 5-10; PERES, Damião – *História de Portugal*, Edição Monumental, Portucalense Editora, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, 1934; HESPANHA, António Manuel – *A Igreja, in História de Portugal, O Antigo Regime*, vol. IV. MATOSO, José (Dir), Editorial Estampa, 1994; ALMEIDA, Fortunado de – *Ausência de relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé depois da aclamação de D. João IV – A questão da confirmação dos bispos*. In *História da Igreja em Portugal*, Nova edição preparada por Damião Peres. Barcelos, 1967-1971, 4 vols.

modificar as liberdades, os privilégios, usos e costumes da monarquia portuguesa, só em Portugal se poderiam resolver questões administrativas e financeiras. Os cargos de vice-rei ou de governador eram ocupados por portugueses, todos os empregos se manteriam, com especial atenção às funções eclesiásticas. Os portugueses poderiam ocupar cargos públicos em Espanha. Na ausência do rei em Portugal, havia um conselho formado só por portugueses para a resolução de alguns assuntos, a língua continuava a ser o português e a moeda era a mesma. Este é, no geral, o estatuto político de Portugal sob o domínio filipino. Nota-se que havia duas preocupações: a primeira, satisfazer as classes superiores e a segunda, a manutenção e autonomia a nível administrativo. É importante referir que todos estes requisitos foram cumpridos e respeitados durante o reinado de Filipe II²¹.

No entanto, nem tudo foi bom para os portugueses. A confluência de Portugal com a Espanha acontece com o auge marítimo espanhol que decorre principalmente no século XVI. A Espanha tinha a pretensão de dominar os mares, mas aparece a Inglaterra que se tornou nessa fase uma superpotência. Daí que começaram a surgir confrontos entre a Espanha e a Inglaterra. Um dos fatores que levou a esse desentendimento foi o facto de Filipe II apoiar Maria Stuart, o que levou à execução da defensora católica em Inglaterra no governo de Isabel, que apoiava o protestantismo. De seguida Filipe II tenta invadir Inglaterra, mas sem sucesso, sofrendo uma pesada derrota. Todas estas peripécias causaram em Portugal um certo agravamento a nível social, político, económico e religioso. A par destas situações, notou-se em Portugal um certo florescimento e desenvolvimento nos planos administrativo e económico, principalmente nos inícios da governação filipina, e conseqüentemente também a Igreja tirou proveito dessa situação com a “*construção ou reconstrução de grandes edifícios religiosos: S. Roque e S. Vicente, em Lisboa, a Sé Nova, o Palácio dos Bispos, as Igrejas de S. Bento e S. Francisco em Coimbra, a igreja do convento da serra do Pilar*”²². Mas com a eleição de Filipe III esta prosperidade económica desaparece, já que a Espanha estava em recessão. De seguida temos Filipe IV que sobe ao trono encontrando a Espanha em plena crise, situação que teve também repercussões em Portugal²³.

²¹ Cf. SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal...*, pp. 5-7.

²² SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal...*, p. 8.

²³ Cf. SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal...*, pp. 7-8.

Um marco importante no século XVII, em Portugal, é a Restauração da Independência. Quinze dias depois da revolta que aconteceu no Palácio Real, D. João IV é aclamado Rei de Portugal no ano de 1640. Nesse mesmo dia celebrou-se com solenidade a cerimónia da coroação de D. João IV. Este foi o primeiro acto oficial a confirmar a estabilidade da Restauração. A cerimónia iniciou-se no Terreiro do Paço onde o rei recebe do Camareiro-mor o ceptro de ouro. Cabe ao Doutor Francisco de Andrade Leitão, que era o jurisconsulto, realizar a abertura da cerimónia pronunciando a oração inicial. O soberano de seguida faz o juramento, “*prometendo bom governo, recta aplicação da justiça, observância fiel dos bons costumes e dos privilégios, graças e liberdades, que os monarcas seus antecessores houvessem concedido ou confirmado*”²⁴. Segue-se o cortejo até à Sé Catedral com o habitual *Te-Deum* e prossegue a cerimónia religiosa a cargo do arcebispo de Lisboa. Terminada a celebração religiosa, o rei regressa ao Paço²⁵.

No ano de 1641, D. João IV tinha a como objectivo enviar uma embaixada ao sumo pontífice, com o pretexto de lhe prestar obediência. Neste campo, é preciso ter em conta que o rei estava mais interessado nas relações políticas com o papa do que com a Santa Sé. O rei nomeou como embaixador, apesar das dificuldades, o bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal. Um dos maiores problemas que ocorrem neste período tem a ver com a confirmação dos bispos por parte do rei. Só em 1670 é que foram confirmados os primeiros bispos segundo a fórmula antigamente usada pelos soberanos de Portugal²⁶.

Reveste-se de particular interesse o rei D. João IV pelo facto de ter nomeado o padre Bartolomeu de Quental como Pregador e Confessor da capela real. No seu reinado é notória a sua “*identidade cristã e católica*”²⁷. O rei morreu no dia seis de Novembro de 1656, com cinquenta e dois anos de idade apelidado pelos seus contemporâneos como o Restaurador. Ele “*exerceu na direcção dos negócios públicos, durante dezasseis anos de inúmeras e quase insuperáveis dificuldades, uma acção incontestavelmente benéfica para a consolidação da independência portuguesa*”²⁸.

²⁴ PERES, Damião – *História Política, A Restauração: partidários e adversários*. In História de Portugal, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, 1934, p. 12.

²⁵ PERES, Damião – *História Política, A Restauração: partidários e adversários...*, pp. 10-13.

²⁶ ALMEIDA, Fortunado de – *Ausência de relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé depois da aclamação de D. João IV – A questão da confirmação dos bispos...*, pp. 335-342.

²⁷ SILVA, Ana Cristina Nogueira da - HESPANHA, António Manuel – *A Identidade portuguesa, In História de Portugal, O Antigo Regime*, vol. IV. MATTOSO, José (Dir), Editorial Estampa, 1994, p. 22.

²⁸ RIBEIRO, Angelo - *História Política, Do Montijo à morte de D. João IV*. In História de Portugal, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, 1934, p. 76.

Passados nove dias após a morte de D. João IV, a quinze de Novembro de 1656 é aclamado rei de Portugal o seu filho Afonso. O rei tinha apenas treze anos de idade e sofria de uma grave doença que o atingira quando tinha três anos:

“O reizinho tem apenas treze. Uma doença que o aflagira aos três anos tivera-o paralisado. Arrastava a perna. Não podia servir-se com destreza da mão e do braço direito, embora montasse a cavalo e manejasse a espada. A inteligência sofrera-lhe com o rude ameaço. Os cortesãos, como a própria mãe, sabiam-no pobre de espírito”²⁹.

No ano de 1662, vendo as debilidades do rei, D. Luísa nomeia o conde de Castelo Melhor para o auxiliar. Este manipulou o jovem rei, a tal ponto que conseguiu “arranjar” o casamento do rei com Maria Francisca Isabel de Sabóia, de modo a estabelecer um pacto militar entre Portugal e França. A partir de certa altura, tendo em conta às fragilidades e demências de Afonso VI, entra em cena o infante D. Pedro, seu irmão, “*o futuro competidor de Afonso VI no trono e no leito conjugal*”³⁰. Reveste-se de particular interesse o processo de nulidade de casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca de Sabóia:

“Segundo os relatórios dos médicos que foram chamados a depor no célebre processo de nulidade de matrimónio, intentado por sua mulher D. Maria Francisca de Sabóia, acusava distorsão da bôca, principalmente no modo de cuspir, paralisia na mão, imobilidade da coxa e distorsão do pé, o que o obrigava a coxear. Parece que a impotência de ordem sexual, que com grande escândalo foi posta em evidência no decorrer daquele processo, era ainda devida à mesma lesão, que com a idade se fôra acentuando, e que, tocando-lhe o cérebro, conseqüentemente lhe atingira a inteligência”³¹.

Conseguida a anulação do casamento no dia vinte e quatro de Março de 1668, passados quatro dias, realiza-se o casamento, por procuração, de D. Pedro com D. Maria Francisca de Sabóia. No dia vinte e sete de Janeiro de 1668, as cortes proclamam como regente do Reino o príncipe e herdeiro ao trono o infante D. Pedro, depondo assim Afonso VI. Os factores que levaram ao afastamento do rei foram os seguintes: a “*sua incapacidade governativa e impossibilidade de sucessão, os abusos do poder por ele ou em seu nome cometidos, e a dissipação dos bens e fazenda régia verificada durante o seu governo*”³². Afonso VI morre no dia doze Setembro de 1683 e foi sepultado na Igreja dos Jerónimos. No mesmo ano, morre também D. Maria Francisca Isabel de

²⁹ RIBEIRO ANGELO - *História Política, A organização da Vitória...*, p. 77.

³⁰ RIBEIRO, Ângelo - *História Política, Do Montijo à morte de D. João IV...*, p. 75.

³¹ RIBEIRO, Ângelo - *História Política, A deposição de D. Afonso...*, p. 101.

³² RIBEIRO, Ângelo - *História Política, A deposição de D. Afonso...*, p. 117.

Sabóia no dia vinte e sete de Dezembro, deixando uma filha do seu segundo marido, D. Pedro II.

Este é o panorama global, ainda que sintetizado, de Portugal em que decorre a vida do venerável padre Bartolomeu do Quental. Nesta fase da história em Portugal, principalmente nos inícios do século XVII, é notória a crise financeira, militar e administrativa e era necessário uma reflexão sobre a maneira de como se governava³³.

As lutas sucessivas no poder, as crises económicas, sociais e religiosas entre outros fatores, fizeram com que o padre Bartolomeu tivesse a preocupação de mudar o contexto português, daí que a fundação de uma congregação de sacerdotes poderia, de alguma maneira, melhorar a situação e o contexto português, o que acabou por acontecer.

Neste ponto percorremos um pouco da História de Portugal, nomeadamente a época em que viveu o padre Bartolomeu do Quental. Olhando para a situação de Portugal face à Europa de então, constatasse que não foi fácil para o padre Bartolomeu do Quental contrariar esses contornos que foram enunciados.

2. Contexto histórico e espiritual

Reveste-se de particular importância a época em que o Pe. Bartolomeu do Quental viveu. É verdade que desenvolveu características próprias na sua vivência espiritual, mas foi claramente influenciado pelo que era característico da época, tanto nacional como europeu.

Desta forma, vamos expor, neste ponto, as características fundamentais da espiritualidade do seu tempo. Interessa-nos sobretudo entender qual a preponderância da espiritualidade na forma de pensar da época. Iremos, de uma maneira sucinta, apresentar alguns dados mais importantes acompanhando esta evolução que antecede o padre Bartolomeu do Quental.

Para a realização deste ponto seguiremos de perto o artigo de Dumeige que está no Novo Dicionário de Espiritualidade³⁴, fazendo também referência a outras obras de espiritualidade.

³³ Cf. Xavier, Ângela Barreto e HESPANHA, António Manuel – *A representação da sociedade e do Poder*. In História de Portugal, O Antigo Regime, vol. IV. MATTOSO, José (Dir), Editorial Estampa, 1994, p. 121.

³⁴ Cf. DUMEIGE, G. – *História de la Espiritualidad*. In Nuevo Diccionario de Espiritualidad. FIORES, de Stefano – GOFFI, T. (org). Ediciones Paulinas, 1983, pp. 613-636.

2.1. A Espiritualidade da Europa nos séculos XV-XVII

Falar de uma história da espiritualidade, pela sua complexidade dos vários temas a integrar, é muito difícil. É verdade que, por mais informação que tenhamos, há sempre dúvidas, dificuldades ou lacunas. Isto relativamente não só à informação que muitas vezes é insuficiente, bem como à produção que poderá ter algumas falhas. Perante este panorama, uma história da espiritualidade deve optar por métodos diversos. Há poucos especialistas capazes de produzir uma história da espiritualidade mais completa e que esteja de acordo com as investigações realizadas, isto é, analisar o próprio indivíduo até à análise de um grupo, questões que envolvem o estudo da Psicologia e da Sociologia que têm métodos que não se aplicam totalmente em relação ao passado. A História reconta os acontecimentos passados, quanto a isto não há dúvidas. A questão que se coloca é a seguinte: será possível fazer história de uma experiência espiritual? G. Dumeige diz que é possível e mais fácil fazer história de pessoas ou de grupos que representam uma determinada espiritualidade³⁵.

A História da Espiritualidade é muito extensa pois abarca dois mil anos de história, envolvendo correntes espirituais dos mais diversos campos, homens e mulheres, de diferentes contextos e vivências, de motivações e acções.

Como diz Daniel de Pablo Marotto: “*A história da espiritualidade começa com o cristianismo, cuja primeira fonte são os livros do Novo Testamento*”³⁶. No fundo o panorama do cristianismo nos inícios era de perseguição e de sobrevivência face aos ataques ferozes do Império. Mas, por outro lado, é neste contexto que se dá um florescimento cristão, acompanhando o campo filosófico, bem como o aspecto religioso do Império e a cultura em geral.

Os três primeiros séculos do cristianismo têm uma grande relevância no que diz respeito à história da espiritualidade devido à proximidade dos cristãos para com os ensinamentos evangélicos e apostólicos, isto é, estão mais próximos da vivência e ensinamento de Jesus Cristo³⁷.

Ao longo dos séculos foram crescendo por parte dos cristãos vivências específicas de cada etapa da espiritualidade. Assim, a espiritualidade cristã foi

³⁵Cf. DUMEIGE, G. – História de la Espiritualidad. In Nuevo Diccionario de Espiritualidad. FLORES, de Stefano – GOFFI, T. (org). Ediciones Paulinas, 1983, p. 636.

³⁶MAROTO, Daniel de Pablo – Historia de la Espiritualidad Cristiana. Editorial de Espiritualidad, 1990, p. 15.

³⁷Cf. MAROTO, Daniel de Pablo – Historia de la Espiritualidad Cristiana..., 17; SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad. Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 2005, p. 21.

crescendo de tal modo que influenciou o pensamento, a vivência de várias correntes, de pessoas, de instituições que foram marcantes nas épocas que antecederam o nascimento e vida do padre Bartolomeu do Quental.

Vamos agora fazer uma breve análise às épocas de marcaram o pensamento do padre Bartolomeu do Quental, principalmente desde o século XIV até ao século XVII, apontando apenas alguns dados referentes a estas etapas da Espiritualidade.

Os séculos XIV e XV pautam-se pelo aparecimento da *Mística Especulativa* e também da *Devotio Moderna*. Na área da mística especulativa, pensamento que busca o conhecimento das coisas divinas, mas apenas pela teoria, surge um autor que se destaca, o mestre Eckhart³⁸ que foi acusado de heresia. Para ele, o cristão encontra Deus, superando tudo

“aquilo que é sensível e natural, com exigências drásticas de purificação e pobreza de espírito, (...) bem como a renúncia das virtudes, das obras e práticas religiosas que podem desviar a alma do crente, isto é, só quando a alma estiver vazia, pobre, aniquilada, disponível como antes do seu nascimento, pode encontrar e acolher Deus”³⁹.

É verdade que o seu pensamento, ou melhor, algumas das suas afirmações foram condenados, mas apesar de tudo isto, Eckhart foi importante no que diz respeito à espiritualidade e teve influência nos anos seguintes, particularmente através dos seus discípulos.

A *Devotio Moderna* teve como principal seguidor Gerardo Groote⁴⁰. Esta corrente espiritual caracteriza-se pela “*tendência ascética prática e com clara vontade de distanciar-se e contrapor os excessos (...) especulativos da mística*”⁴¹.

Segundo Javier Sése:

³⁸ Eckhart nasceu em 1260. No ano de 1275 ingressou na ordem dominicana. Estudou em Colónia, onde se empenhou no estudo da filosofia e teologia de S. Alberto Magno. Foi professor em Paris e desempenhou com fulgor vários cargos na ordem dos Dominicanos. Em 1314, vai para Estrasburgo, local onde desempenha um papel importante como pregador, congregando um número considerável de fiéis, «os amigos de Deus», provenientes de várias zonas da Alemanha. Desde o ano de 1326, prosseguiu o seu trabalho em Colónia, onde foi acusado de heresia. Nessa mesma cidade morre no ano de 1327, sem que o processo de condenação herética, digamos assim, tivesse sido concluída. De todas as suas afirmações, dezassete foram consideradas heréticas e onze como imprudentes (Cf. SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 162).

³⁹ SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 163.

⁴⁰ Gerardo Groote (1340-1384), nasceu em Deventer. Foi discípulo de Ruusbroec. Com a ajuda de algumas seguidoras, fundou as *Irmãs da vida comum* e de seguida, um grupo masculino. Esta organização, fundada por Groote, tinha como parâmetros algumas práticas espirituais e trabalhos manuais. Era uma organização sem votos. A maior parte dos seus escritos foram recolhidos e publicados por um grupo de discípulos que se chamavam Rapiaria (Cf. SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., pp. 178-179).

⁴¹ SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 178.

“...o século XVI pode ser caracterizado, com justiça, como um dos mais importantes na história da espiritualidade, pelo número e qualidade dos santos e mestres espirituais, pela profundidade e grandeza da sua doutrina, pela sua influência na piedade cristã até aos nossos dias, pela importância das novas fundações e iniciativas surgidas neste tempo”⁴².

Este tempo está marcado principalmente por três fases: a reforma protestante, o humanismo cristão e o esplendor espanhol, também chamado “Idade de ouro” da espiritualidade. A espiritualidade em Espanha teve uma significativa influência no modo de pensar e de agir, com os exemplos de S. Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier, Frei Luís de Granada, Santa Teresa de Jesus, S. João da Cruz, entre outros nomes. Tudo figuras marcantes do século XVI e todas elas provenientes da nossa vizinha Espanha.

O século XVII acusa a falta de energia espiritual em Espanha. Pelo contrário, na França, este foi o «grande século» da espiritualidade francesa⁴³.

As traduções da Bíblia Sagrada eram insuficientes, contudo o povo vivia um ambiente marcado de imagens bíblicas e de autores espirituais, fazendo deste modo uma leitura mais interiorizada da Escritura. Também a vida religiosa teve a sua manifestação mais intensa com os círculos religiosos laicais, com as congregações e ordens que tinham um grande apelo pela espiritualidade⁴⁴.

Todavia, a partir deste momento começam a surgir novas correntes em França. Este século pautou-se por um florescimento em França, nomeadamente com a acção de S. Francisco de Sales, da escola berulliana, bem como do próprio Cardeal Berulle, que fundou o Oratório de Jesus ou «oratório francês» mais virado para os seminários, inspirado no italiano de S. Filipe de Néri⁴⁵. O Cardeal Berulle, nasceu de uma nobre família e é um dos maiores representantes da «Escola francesa», colaborou na política e escreveu muitas obras entre as quais: *Breve discurso da abnegação interior* e o *Discurso do estado e as grandezas de Jesus*.

Foi o século XVII, o século das especializações teológicas, principalmente a Teologia Mística, que procurou sistematizar a espiritualidade do século XVI e que teve muitos adeptos nomeadamente provenientes das ordens religiosas. A teologia mística marcou, digamos assim, a separação entre os teólogos e os espirituais, estruturando tecnicamente a doutrina espiritual, mas não proporcionando uma aproximação como

⁴² SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 185.

⁴³ SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 229.

⁴⁴ Cf. DUMEIGE, G. – História de la Espiritualidad..., pp. 623-625.

⁴⁵ Cf. SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 235.

aconteceu com os Padres da Igreja, bem como com a teologia monástica ou a escolástica do século XIII⁴⁶.

Desta forma percorremos a história da espiritualidade, procurando sintetizar os momentos, as correntes, os pensamentos, as pessoas mais que influenciaram o modo de pensar e de agir, tendo como finalidade um conhecimento geral da espiritualidade ao longo dos séculos. Como anteriormente dissemos, é muito difícil fazer um estudo completo em relação à Espiritualidade devido à sua complexidade. No entanto, procuramos neste ponto fazer algumas referências que nos poderão ajudar a compreender quais as motivações e vivências do padre Bartolomeu do Quental.

2.2. Contexto histórico-espiritual de Portugal

Vamos agora analisar o contexto português tendo em conta a evolução da espiritualidade. Achamos por bem fazer uma breve resenha da espiritualidade, abordando desde a época medieval até à época moderna seguindo de perto o Dicionário de História Religiosa em Portugal⁴⁷.

Assim, a espiritualidade no território que hoje conhecemos como sendo Portugal teve o seu aparecimento, digamos assim, na época medieval, com a primeira manifestação da literatura espiritual produzida no que depois seria o território de Portugal coincide com o primeiro escrito cristão até hoje conhecido de um autor do mesmo território, mais concretamente duas homilias do bispo Potâmio de Lisboa escritas por volta do ano 357, *De Lazaro* e *De martyrio*. Nestes escritos está presente um gosto dramático tendo em conta o sofrimento e a miséria humana, que são condições que tornam o homem pecador. Estes escritos, que uma certa aproximação àquele que foi um movimento espiritual heterodoxo, isto é, o priscilianismo⁴⁸. Uma corrente herética

⁴⁶ Cf. SESÉ, Javier – Historia de la espiritualidad..., p. 246.

⁴⁷ Cf. MATTOSO, José – Espiritualidade. I. Época Medieval. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. II, pp. 181-187; FERNANDES, Maria de Lurdes C. – Espiritualidade. II. Época Moderna. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. II, pp. 187-193; FERREIRA, António Matos – Espiritualidade. III. Época Contemporânea. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. IV, pp. 382-388; JORGE, Ana Maria C. M. – Priscilianismo. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. IV, pp. 63- 66.

⁴⁸O Priscilianismo é uma corrente religiosa que se desenvolveu em torno de Prisciliano, nos finais do século IV. Podemos caracterizar esta corrente em duas fases: a primeira correspondente à vida de Prisciliano, isto é, desde a denúncia até à condenação e a segunda à expansão do priscilianismo depois da execução de Prisciliano em Tréves. Ele tinha a pretensão de reformar a Igreja, tendo como base, digamos assim, as práticas do ascetismo cristão tradicional. Foi eleito bispo de Ávila por volta de 379. Prisciliano tinha uma predileção pelo ascetismo e pela reclusão penitencial. Por volta de 380, no Concílio de

que teve mais preponderância a Centro e Sul do território português, pertencentes à província da Lusitânia. No entanto, os escritos desta corrente herética desapareceram quase por completo. Conhecemos alguns dos seus traços, através dos seus opositores que na sua maioria pertencente à província de Mérida, capital da Lusitânia.

No seguimento disto, e tendo em conta a aproximação do priscilianismo nas zonas rurais, foi preponderante o trabalho de Martinho de Dume “*o verdadeiro evangelizador dos campos*”⁴⁹. Além disto, Martinho de Dume foi também importante para a difusão da espiritualidade monacal, bem como a espiritualidade dos Padres do Deserto. Nesta época há uma alteração da mentalidade, principalmente no que se refere à mentalidade apocalíptica de então, tendo aparecido a ordem de Cluny em Portugal.

No ano de 1080, dá-se a introdução da liturgia romana em Portugal por decisão do rei Afonso VI, abandonando assim a liturgia hispânica. É importante saber que esta decisão, levada a cabo pelo rei Afonso VI, motivou parte dos clérigos e também em pessoas ligadas à política, reações e resistências. No ano de 1131 este panorama veio a alterar-se com a fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra pelos cónegos regulares de Santo Agostinho, ou seja, dá-se uma mudança em relação ao panorama espiritual e religioso. Esta ordem dava grande importância ao tema de Jerusalém no que se refere à origem do cristianismo, bem como a prática da caridade comunitária.

Um outro dado significativo desta espiritualidade é a importância dada à pastoral do clero. A espiritualidade portuguesa teve também a sua preponderância com Pedro Hispano, que mais tarde foi proclamado papa com o nome João XXI. Este autor foi importante no que diz respeito à literatura espiritual⁵⁰.

Temos depois um grande período onde a literatura profana se torna fecunda em Portugal pois, nestes textos, encontram-se testemunhos sobre a piedade popular e a

Saragoça, o movimento ascético priscilianista é posto em causa. Na sequência disto, realizou-se em Bordéus, em 384, um concílio, convocado pelo Imperador Máximo para a analisar as acusações feitas pelo episcopado Lusitano contra Prisciliano. Segundo o testemunho de Idácio, bispo de Mérida, Prisciliano foi executado em Tréves, em 387. Esta data de execução tem gerado alguma controvérsia entre alguns historiadores, colocando a data de execução entre os anos 385/386. Após a execução de Prisciliano, por todo o Império, o Priscilianismo foi reprimido como heresia. A morte de Prisciliano deu ainda mais vigor a esta corrente ascética. Segundo uma Tradição Antiga, os restos mortais de Prisciliano foram depositos em Astorga, província eclesiástica da Galécia por volta de 396. A partir deste momento, Prisciliano foi venerado como mártir. Em 400, este movimento ascético volta a ser questionado no Concílio de Toledo. Mais tarde, em 561, o I Concílio de Braga volta à questão priscilianista. Onze anos mais tarde, em 572, o II Concílio de Braga condena de novo o priscilianismo. A partir deste momento, não há notícias que provem a existência desta corrente herética (Cf. JORGE, Ana Maria C. M. – Priscilianismo. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal...*, pp. 63-66).

⁴⁹Cf. MATTOSO, José – *Espiritualidade*. I. Época Medieval. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, p. 182.

⁵⁰ Cf. MATTOSO, José – *Espiritualidade...*, p. 185.

religiosidade. No século XVI aparecem novamente escritos de espiritualidade tendo por base duas ou três tendências: a primeira ligada em grande parte ao humanismo italiano, relacionada com esta corrente aparece outra tendência, a *Devotio Moderna* e, por fim, a última tendência mais direccionada para a espiritualidade régia, que dava grande valor à literatura mística, à moral e à catequese. Como forma de propagação da fé cristã, era comum nesta fase a divulgação de várias obras referentes às vidas dos santos e dos mártires.

Aproximamo-nos da época moderna e “*é praticamente impossível fazer-se, no actual estado da história da espiritualidade em Portugal, uma síntese satisfatória de todos os seus aspectos mais importantes*”⁵¹. Apesar disto, é possível fazer uma abordagem àquilo que se passou em finais do século XV e no século XVI, no que se refere à reforma espiritual que nesse tempo foi feita. Assim sendo, é importante referir que as reformas religiosas foram um marco fundamental para a mudança do paradigma em Portugal, bem como o apoio régio que usufruíram, principalmente com os reis D. Manuel I e D. João III. No caso de D. Manuel, “*este obteve a permissão de Roma para a reforma geral das ordens monásticas*”⁵².

A aplicação de tais reformas, por parte de vários religiosos e clérigos, foram preponderantes para contrariar o panorama de Portugal, que se pautava pela ignorância, pela inobservância das regras, pelo incumprimento dos deveres pastorais e também pelos escândalos de muitos clérigos e leigos. É neste plano que algumas ordens religiosas têm grande importância no que diz respeito à resolução deste problema. Após Trento houve um esforço por parte de algumas ordens religiosas com o objectivo de contrariar este factor negativo que estava presente em Portugal, nomeadamente os Jerónimos, os Lóios, e sobretudo a Companhia de Jesus que teve grande influência no ensino e na catequese⁵³.

Não se pode entender a configuração das correntes de espiritualidade em Portugal sem primeiro analisarmos as influências europeias, nomeadamente a espanhola, que teve grande impulso na evolução da espiritualidade portuguesa de então. Nessa altura circulavam muitas obras em latim que tinham tradução em castelhano e que eram de fácil acesso aos portugueses. Para além disto, não podemos esquecer que muitos religiosos e clérigos, que tiveram um papel importante na reforma religiosa,

⁵¹ FERNANDES, Maria de Lurdes C. – *Espiritualidade*. II. Época Moderna. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, p. 187.

⁵² PACHO, Eulogio – *Storia della Spiritualità Moderna*. Teresianum, Roma 1984, p. 114.

⁵³ Cf. FERNANDES, Maria de Lurdes C. – *Espiritualidade...*, p. 187.

foram também marcantes no que diz respeito à difusão de obras de espiritualidade. Neste período, assumem papel de destaque o Frei Bartolomeu dos Mártires, o padre António Vieira, entre outros. Já no século XVII merece destaque o padre Bartolomeu do Quental.

A época moderna é essencialmente marcada pela diversidade espiritual, onde a dimensão ascética tem uma grande preponderância, bem como algumas obras viradas para a oração e a contemplação. É importante salientar que nesta altura dava-se grande importância à oração. O padre Bartolomeu do Quental tinha apreço pela oração, já que foi ele que introduziu na Capela Real um esquema de oração mental.

Para analisarmos a época moderna temos de ter em conta que a espiritualidade em Portugal é importante, não só pelas obras escritas, mas sobretudo pelos exemplos de vida dos homens e das mulheres de então, que foram capazes de testemunhar e anunciar a Fé em Jesus Cristo⁵⁴.

É neste contexto social e religioso que passamos para o próximo capítulo, tendo em vista uma apresentação da biografia do padre Bartolomeu do Quental, bem como contextualizar a fundação da Congregação do Oratório em Portugal.

Foi importante fazermos uma aproximação à época, mais propriamente ao século XVII, altura em que viveu o Venerável padre Bartolomeu do Quental. Esta aproximação histórica, religiosa e espiritual ajuda-nos a melhor compreender e entender a pessoa e a obra do autor em estudo, bem como a sua acção pastoral e evangelizadora através da Congregação do Oratório.

⁵⁴ Cf. FERNANDES, Maria de Lurdes C. – *Espiritualidade...*, p. 192.

CAPITULO II

VIDA E OBRA DO VENERÁVEL PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL

No primeiro capítulo abordamos o contexto histórico, religioso e eclesial da época moderna, principalmente no século XVII. Vimos que esta foi uma época marcada por algumas tensões entre a Igreja e o Estado. No entanto, todas estas tensões não impediram o florescimento de expressões de fé bem como das devoções populares. É neste contexto que nasce o padre Bartolomeu do Quental. Neste segundo capítulo vamos fazer uma aproximação, sem pretendermos ser exaustivos, da vida, assim como a obra que o venerável padre deixou, principalmente no que diz respeito à introdução e difusão da Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri em Portugal.

1. Vida do Venerável padre Bartolomeu do Quental

Abordando a vida do Padre Bartolomeu do Quental podemos observar que ele se pautou por uma forte ligação familiar à Igreja Católica, que influenciou significativamente a sua vida. Deste modo, ver-se-á que nasceu e cresceu num ambiente cristão que lhe permitiu desenvolver a sua vocação religiosa.

A sua biografia foi escrita em latim pelo padre José Catalano e traduzida para português por Cândido Lusitano⁵⁵. Neste capítulo vamos ter como principal fonte a dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras do Porto, em Outubro de 1977, pelo Professor Doutor Eugénio dos Santos⁵⁶.

1.1 Os primeiros anos em Fenais da Luz

Bartolomeu do Quental nasceu em Fenais da Luz, na Ilha de S. Miguel, a 22 de Agosto de 1627. Era filho de Francisco de Andrade Cabral e de Ana de Quental Novais. Foi baptizado na paróquia de Nossa Senhora da Luz e recebeu o nome de Bartolomeu

⁵⁵ *Vida do Venerável P. Bartolomeu do Quental*, Lisboa, na oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741.

⁵⁶ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal: Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto, 1982.

“porque a festa deste Santo era tão próxima ao seu nascimento”⁵⁷. Bartolomeu do Quental foi educado no seio de uma família profundamente católica, como era normal no século XVII. Foi um aluno brilhante, inteligente, bom latinista, virtuoso e devoto, que estava muito adiantado em relação aos seus colegas, apesar da tenra idade. Aos doze anos de idade conclui o currículo de gramática. Mas o seu desejo era estudar filosofia, que em Ponta Delgada era impossível. Só no continente ele teria essa possibilidade. Mas havia um problema, naquela altura cabia ao filho mais velho o percurso académico e, deste modo, o seu irmão Pedro de Matos de Quental era o legítimo a ocupar, digamos assim, essa honra. Mas algo inesperado aconteceu. O irmão mais velho desistiu à última da hora, dando-lhe a oportunidade de prosseguir os estudos. Aos dezasseis anos de idade desembarca em Lisboa com o objectivo de ingressar no curso de Filosofia⁵⁸.

1.2. No Continente

Ao desembarcar em Lisboa para prosseguir os estudos prefere ir para Évora onde se inscreve no Real Colégio das Artes. Aí recebeu o grau de mestre em Artes no dia trinta de Junho de 1647⁵⁹. Um dado importante nesta fase da vida de Bartolomeu do Quental tem a ver com a sua formação jesuítica, principalmente sob a responsabilidade do Pe. Diogo Fernandes, um dos mais prestigiados professores da Universidade de Évora⁶⁰.

Bartolomeu do Quental era irrepreensível e tinha uma enorme vontade de estudar, de maneira que conseguiu obter nota máxima no bacharel. Mais tarde, em 1647, faz a licenciatura em Filosofia. No ano seguinte, finaliza o Doutoramento na mesma área. Na mesma altura matricula-se no curso de Teologia e, no ano de 1650, vai para Coimbra. Aí permanece durante dois anos e, em 1652, sendo já diácono, fazia pregações aos universitários. Era notória a sua capacidade de discursar de maneira que recebia nessa altura convites para pregar na corte, principalmente em ocasiões mais solenes. Como refere Eugénio dos Santos: “*Os seus sermões eram urdidos com assunto arrancado aos Evangelhos, a linguagem clara e incisiva, o raciocínio sólido e as*

⁵⁷ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 16.

⁵⁸ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 15-17.

⁵⁹ Cf. MARTINS, António Coimbra – *Quental, Bartolomeu*. In *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (org), vol. III, Iniciativas Editoriais, 1969, pp. 520-522.

⁶⁰ Cf. GOMES, João Pereira – *Os professores de Filosofia da Universidade de Évora*. Lisboa, 1960, p. 326.

*provas suplementares tiradas dos livros sagrados, em que era muito culto*⁶¹. Era de facto, um homem muito admirado e um grande orador até ao ponto de o considerarem “*o segundo orador do reino, logo após o Grande Vieira*”⁶².

Foi ordenado sacerdote no ano de 1652 pelo bispo D. Francisco de Sotomaior, na Igreja do Espírito Santo da Pedreira. Ele era muito exigente para consigo mesmo e para com os outros, a tal ponto que tinha uma actividade pastoral muito alargada, quer na cidade quer pelas aldeias, para assim ter uma visão geral daquilo que eram as necessidades do povo. Realizou este apostolado durante dois anos⁶³.

Em 1654, estava vago o lugar de pároco na igreja de Nossa Senhora da Estrela, na Ribeira Grande, na sua terra natal. O padre Bartolomeu do Quental “*concorreu com êxito ao cargo de vigário da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela, da vila da Ribeira Grande*”⁶⁴. Fez o exame perante o rei e foi escolhido para ocupar o lugar no dia 15 de Abril desse mesmo ano. Tomou posse da paróquia através de um procurador, como era habitual nesse tempo mas, passado algum tempo, renunciou. Dados que nos são fornecidos pelos biógrafos apontam as causas que o levaram a desistir desse “cargo”, o não estar “*preparado para a cura de almas e, sobretudo, o impedimento que daí resultava de continuar as missões, cujo fruto conhecia e pelas quais cada vez mais se interessava*”⁶⁵.

Frequentemente visitava a casa dos jesuítas, com os quais mantinha uma relação muito cordial, principalmente com aqueles que lhe eram mais próximos, visto ter estudado no colégio dos jesuítas em Évora. Em Lisboa, o padre Bartolomeu do Quental tinha o hábito de se recolher no colégio de Santo Antão, onde fazia a sua oração mental. Como homem profundamente espiritual, procurava satisfazer os seus anseios, as suas convicções e a sua vivência cristã. Nessa altura era muito conhecido na capital, muito à custa dos seus sermões que transbordavam sabedoria, conhecimento prático, vivência espiritual, enfim qualidades de um mestre que teve o seu auge com a nomeação, por parte de D. João IV, para confessor e capelão na Corte⁶⁶.

⁶¹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 18.

⁶² SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 18.

⁶³ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 19.

⁶⁴ MARTINS, António Coimbra – *Quental, Bartolomeu...*, p. 520.

⁶⁵ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 19.

⁶⁶ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 20.

1.3. Pregador e confessor da capela real

No dia vinte e dois de Outubro de 1654, o rei D. João IV nomeou o padre Bartolomeu do Quental «pregador supernumerário» da capela real. O candidato deveria possuir qualidades morais e intelectuais, de modo a que o escolhido pudesse exercer as suas funções com dignidade e clareza. Segundo um tratado, publicado em Espanha no ano de 1630, um capelão, para além das qualidades orais e intelectuais, deveria ter “*nobreza de sangue, o ser letrado, prudente, leal ao rei, de boa vida e conhecedor dos usos e cerimónias da Igreja*”⁶⁷. Foi de facto uma surpresa para o jovem padre visto que era “*um jovem enérgico, de vinte e sete anos de idade*”⁶⁸. Ele tornava-se, sendo ainda um jovem padre, o pregador e confessor da Corte, um cargo público de grande nobreza que o impulsionou para algo de maior envergadura que foi a fundação da Congregação do Oratório. Mas antes disso, vamos continuar a caracterizar a sua pessoa e o papel que desempenhara na Corte. Os seus dotes eram reconhecidos, isto é, destacou-se eficazmente entre as autoridades civis e eclesiásticas do Reino, a tal ponto que até o estilo de vida das pessoas que moravam no palácio real era, por vezes, mais íntegro que a dos próprios conventos, como nos mostra esta breve passagem:

“... nas Damas da Senhora Rainha D. Luisa e mais criadas do Paço introduzio um teor de vida tão reformada, que nada tinha que invejar à dos Claustros religiosos, parecendo aquella habitação não tanto Paço, quanto Convento mais Recolocado”⁶⁹.

Apesar da linguagem exuberante do texto acima citado, é notória a sua virtuosidade enquanto capelão, confessor e pregador. Muita gente da corte acorria aos seus sermões e para estes, o padre Bartolomeu fez um esquema de oração. Todos os dias as mulheres que trabalhavam na corte iam ao oratório do paço da parte da manhã para rezar e à noite faziam exercícios espirituais. Até D. Catarina, que viria a ser rainha de Inglaterra, procurava estar presente para rezar, bem como as demais pessoas da nobreza. Ele dedicou o seu esforço a esta causa tendo como objectivo educar, ensinar e evangelizar os membros da realeza e não só⁷⁰.

⁶⁷ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental, pregador da capela real*, Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas. Anexo V – Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII, Porto, 1993.

⁶⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 20.

⁶⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 20.

⁷⁰ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 20-21.

Durante alguns anos vemos o venerável padre no paço a desempenhar, com dignidade, as funções que lhe tinham sido confiadas. Mas nesta fase é necessário dar-mos conta que Portugal atravessava uma fase não muito boa, devido à guerra que se alastrava, à crise económica, à pobreza, e ainda a morte de D. João IV no ano de 1656. É perante esta situação desagradável que o padre Bartolomeu vai ter um papel preponderante na fundação da Congregação do Oratório, já que conhecia bem as dificuldades do reino, entre elas, a falta de preparação do clero bem como a imoralidade que se fazia sentir⁷¹.

A certa altura, o padre Bartolomeu do Quental procura reformar os capelães e os clérigos das Capela Real visto que grande parte do clero, aos olhos dele, não tinha condições nem dignidade para exercer o seu ministério sacerdotal⁷².

Dominado por esta preocupação, o padre Bartolomeu procura fundar uma congregação tendo como finalidade mudar o panorama da vida sacerdotal. Entre os 1657-1658 tentou reunir os capelães e clérigos da Capela Real, tendo como objectivo “...congregar sacerdotes devotos e zelosos da salvação das almas, que com o seu exemplo atráisssem a gente do povo a frequênciã daqueles exercíciõs”⁷³. Apesar do seu espírito reformista encontrou algumas dificuldades nesta sua missão. Surgiram, por parte de alguns padres, reacções negativas às suas ideias reformistas. Estas dificuldades não o impediram de prosseguir o seu objectivo visto que era um “jovem clérigo, viril, corajoso, persistente quase até à teimosia e, além disso, persuasivo e de exemplar contágio”⁷⁴.

1.4. Traços missionários

Para além da sua actividade como confessor e pregador na Capela Real, desempenhou também uma forte actividade missionária em Portugal. O tempo em que viveu coincidiu com a forte aposta missionária do reino. Vamos então percorrer sistematicamente a sua acção missionária.

Sabe-se que entre 1658 e 1667, o padre Bartolomeu do Quental dedicou-se à acção missionária. Podemos dividir este espaço de tempo em dois períodos: o primeiro que decorre de 1658 até 1664 e o segundo de 1664 até 1667.

⁷¹ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 21-22.

⁷² Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 22.

⁷³ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 22.

⁷⁴ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 22.

No primeiro período, percorreu vilas e aldeias da diocese de Lisboa. Muita gente ouvia as palavras do venerável padre e, através delas, corrigiam os seus erros. Ele conhecia bem a realidade de Portugal, especialmente no que diz respeito à diocese de Lisboa. Através da doutrina procurava combater a ignorância religiosa, e através das confissões gerais, levar ao arrependimento dos fiéis. Muitas vezes, depois das confissões ele:

“... Hia-se aos campos, e buscava os lavradores e jornaleiros, que se mantinham do seu trabalho, trabalho cansado, e que de ordinário deixa poucos lucros; enfim como de Gente com que meteo pouco cabedal a natureza. E quando acabado o dia se recolhiam para as suas cazas, ou choupanas os esperava o servo de Deus, e com eles passava a noite. As praticas em que os entretinha erão todas dirigidas ao seu Espírito e salvação de suas almas. Explicava-lhes com termos claros e acomodados à rudeza dos ouvintes os elementos da doutrina Chritã. Estas vizitas continuava a miudo imponderável fruto”⁷⁵.

Estas palavras retractam um pouco a forma de ser do padre Bartolomeu do Quental. Ele sabia muito bem como lidar com as pessoas, quer fossem do Paço, quer fossem da cidade, quer fossem da aldeia. Sentia que esta era a sua missão: ajudar as pessoas a crescer espiritualmente. Conhecia bem as preocupações das pessoas e todos os dias procurava, de uma maneira organizada e contínua, minimizar as misérias e incertezas da população. No ano de 1659 conseguiu instituir uma congregação de sacerdotes dedicada a Nossa Senhora das Saudades⁷⁶.

Era então uma associação de sacerdotes que não tinham quaisquer votos. No início, esta comunidade realizava os seus encontros na Capela Real, autorizados pela rainha D. Isabel, num decreto de 18 de Fevereiro de 1659, num local chamado *o Tesouro Velho*, transformado em Oratório, “ornado com belas pinturas e provido de alfaias preciosas”⁷⁷. A afluência aos exercícios praticados por estes sacerdotes era grande. O padre Bartolomeu do Quental era quem mais “sofria” pois tudo isto aumentava o seu trabalho:

“Nas vésperas dos dias festivos, ocupava-se das pessoas residentes no paço, para, nos outros, se poder entregar por completo aos de fora. Nos dias santificados levantava-se ao raiar da aurora e, após a missa e orações individuais, voltava-se inteiramente ao confessionário, onde permanecia horas a fio para poder dirigir uma palavra individual a todos os que o procuravam. Em regra, isso ocupava-o até ao meio dia, ou mesmo mais.

⁷⁵ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 24.

⁷⁶ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 23-24.

⁷⁷ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 27.

Uma refeição em casa quebrava a sua assistência no oratório, onde as conferências e sermões doutrinários duravam quase até ao anoitecer”⁷⁸.

O padre Bartolomeu do Quental tinha a profunda convicção de que a vida desta associação se deveria concretizar na prática das obras de misericórdia. A seu pedido, os seus companheiros visitavam os hospitais, as prisões e aí “*tudo culminava pelo ensino da doutrina cristã, por um apelo à resignação, pela instrução no modo de fazer uma boa confissão geral*”⁷⁹. Além disso, o padre Bartolomeu preenchia o tempo livre daqueles que o acompanhavam diariamente, de forma a manter o espírito alegre⁸⁰.

Estava muitas vezes com os estudantes de Filosofia e Teologia, tanto leigos como clérigos. Com eles conversava sobre vários assuntos, formando depois dois grupos, aos quais determinava a oração do ofício divino e a devoção de Nossa Senhora. Depois acomodavam-se e discutiam os temas relativos às matérias que estavam a estudar. Isto durou até à fundação da Congregação do Oratório, em Julho de 1668. De facto, o padre Bartolomeu foi um reformador da Igreja Católica em Portugal⁸¹. Muitos desses alunos foram cristãos exemplares:

“... alguns a quem Deus não chama para os rigores da Religião querendo servir ao Senhor em liberdade de espírito tiveram a ventura de vestir a roupeta da Congregação e nella seguindo as pizadas do seu Director viverão com grande reforma e exemplo”⁸².

Isto mostra a força e empenho do padre Bartolomeu do Quental em ajudar as pessoas a estarem mais próximas de Deus.

O outro período vai desde 1664 a 1667 e é de fundamental importância para a sua vida. Esta etapa pauta-se por uma actividade missionária ainda mais intensa e planificada e “*por uma reflexão longa e madura sobre o rumo a seguir*”⁸³. No seu tempo desenrolaram-se acontecimentos de significativa importância, para ele e para o Reino, desde a governação de D. Isabel até o rei D. Afonso VI e seu irmão D. Pedro que governou até 1706. No início do ano de 1664 foi dispensado das suas funções de

⁷⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 27.

⁷⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 28.

⁸⁰ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 28-29.

⁸¹ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 29-30.

⁸² SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 30.

⁸³ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 31.

pregador e confessor na Corte. A ideia de se despedir do seu ofício já vinha de trás⁸⁴. Para se demitir, digamos assim, procurou justificar a sua saída:

“Agora como sinto que Deus me chama com continuas inspirações para o Ministerio das Missoens, não posso, nem devo resistir à vocação do Senhor, que sendo incompatível com a obrigação de Pregador da Capela Real, me constringe a pedir a Vossa Magestade que me absolva deste emprego”⁸⁵.

Desta forma pediu ao rei que lhe desse permissão para sair no Palácio Real e assim ter mais tempo para a sua missão. A partir deste momento ele dá prioridade às missões, percorrendo vários lugares a pregar o Evangelho.

“Levantava-se ao romper da aurora e logo se entregava à oração mental e missa. Após uma refeição ligeira, passava ao confessionário, em que gastava quase todo o dia atendendo «inumeráveis penitentes». Ao cair da tarde, depois do toque dos sinos, subia ao púlpito, donde pregava, rematado a jornada pela oração colectiva. O tempo, por vezes, estava de tal modo preenchido que se demorava na igreja ou adro, onde sucedia acabar por dormir, enrolado apenas na sua capa”⁸⁶.

Neste pequeno texto podemos constatar o trabalho árduo desenvolvido nesta etapa. Ele tinha a capacidade de comover as pessoas e de as acompanhar espiritualmente. Muita gente vinha de longe para o ouvir. Foi, sem sombra de dúvidas, uma das figuras mais marcantes do século XVII em Portugal, sendo um lutador incansável pela reforma dos costumes da vida cristã do seu tempo.

Periodicamente, o padre Bartolomeu, convidava as pessoas para estarem com ele e assim, através dos seus ensinamentos, aprofundarem os seus conhecimentos religiosos. Nesses momentos ensinava orações, a forma de como as pessoas se deviam confessar, a distinção entre o bem e o mal, entre outras coisas. Repartiu o seu tempo na administração dos sacramentos, nas visitas que fazia aos hospitais e cadeias e também na direcção dos exercícios do Oratório⁸⁷. A sua retirada da Capela Real, como Pregador e Confessor, permitiu-lhe mais tempo, daí que tenha publicado, nesta fase, o seu primeiro livro intitulado: *Meditação da Infância de Cristo Senhor nosso da Encarnação até aos trinta anos da sua idade com uma direcção para a Oração Mental*.

⁸⁴ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 31-32.

⁸⁵ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 32.

⁸⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 33.

⁸⁷ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 34.

As perturbações políticas que se faziam sentir neste tempo, nomeadamente o reinado de Afonso VI, causaram algumas preocupações ao padre Bartolomeu. O seu desejo era salvaguardar o Oratório. Para que isso pudesse acontecer, deveria sair da corte “*onde reinavam a intriga, a insegurança, o mal estar, o escândalo provocado pela luta fratricida*”⁸⁸. Aproveitando a proximidade que tinha com a rainha, o padre Bartolomeu do Quental “*aconselhara o jovem e impetuoso rei a moderar o seu comportamento nada exemplar, criticando duramente alguns exageros da sua acção pública*”⁸⁹. Nos seus sermões fazia duras críticas ao governo do rei, por vezes de forma até chocante. Estava preocupado e desiludido com a situação que se arrastava no Paço⁹⁰. Mas isto mudou com o afastamento do rei em 1667. Este acontecimento torna-se fulcral para ele, pois tinha o apoio de D. Pedro. É aqui que a sua obra é finalmente reconhecida, isto é, nasce a Congregação do Oratório em Portugal, ainda que faltasse a concretização e aprovação das autoridades eclesiásticas.

1.5. Últimos dias

O padre Bartolomeu do Quental morreu no dia vinte de Dezembro de 1698. Na sua morte, foram-lhe dedicadas “*honras excepcionais pela corte e a Santa Sé concedeu-lhe o título de venerável*”⁹¹.

Após a morte do fundador, os oratorianos tentaram obter a sua beatificação, por ter sido um homem admirável e de grande estima naquele tempo. É compreensível que a beatificação do fundador do Oratório em Portugal fosse um dos objectivos daqueles que com ele introduziram esta nova instituição em Lisboa e depois pelo país⁹².

Os processos referentes à beatificação do padre Bartolomeu do Quental foram organizados entre 1720 e 1723. Já a introdução da causa terá ocorrido no pontificado de Clemente XI, ou seja, antes de 1721. Foi este o papa que beatificou duas das filhas de D. Sancho I. A Congregação do Oratório, no que diz respeito ao processo de beatificação do seu fundador, aproveitou o facto de o padre Bartolomeu ter sido confessor e pregador na Corte, para assim ter apoio do trono e facilitar a eventual

⁸⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 35.

⁸⁹ SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos*. In *Dicionário de História Religiosa em Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo, Lisboa: Círculo de Leitores, 200-2001. Vol. III, p. 329.

⁹⁰ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos...*, p. 329.

⁹¹ QUENTAL, Padre Bartolomeu do -- In *GRANDE ENCICLOPÉDIA portuguesa e brasileira*. Lisboa: Ed. Enciclopédia, [1936-1960], vol. 23, p. 922.

⁹² MARTINS, António Coimbra – *Quental, Bartolomeu...*, p. 521.

beatificação⁹³. Em 1733 é enviado a Roma o padre António de Ataíde com o objectivo de negociar a beatificação. É nessa altura que é escrito o livro *De Vita Venerabilis Bartholomaei de Quental* por José Catalano, dedicado a D. João V e traduzido para português por Cândido Lusitano, no ano de 1741⁹⁴.

O padre Ataíde morre e foi “substituído” por Luís António Verney, um dos grandes seguidores da Congregação do Oratório a fim de acelerar o processo de beatificação. No ano de 1740, o rei D. João V enviou a Roma dois padres oratorianos, que entretanto morreram durante o processo. Daí que Luís Verney volte a tratar do caso. Em 1748, o papa Bento XIV atribui o título de *venerável* ao padre Bartolomeu do Quental⁹⁵.

O processo de beatificação caiu por terra no tempo do marquês de Pombal e pelo consequente enfraquecimento da Congregação do Oratório.

2. A Congregação do Oratório em Portugal

O padre Bartolomeu do Quental introduz em Portugal uma instituição religiosa, a Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri. Os oratorianos ou como diz Eugénio dos Santos:

“Néris, Filpos ou Congregados do Oratório, como ficaram a ser comumente conhecidos entre nós, estes padres seculares constituíram-se como uma família religiosa, de tipo muito peculiar, a partir da segunda metade do século XVII, e mantiveram-se como tal até 1834. Nesta data, a extinção das ordens religiosas masculinas atingiu-a mortalmente [...] nunca mais se recompondo”⁹⁶.

Neste ponto é nosso objectivo dar a conhecer esta congregação em Portugal, ou seja, o nascimento, a organização, bem como a forma de como os Estatutos foram elaborados e aprovados pela Santa Sé.

2.1. A fundação

No dia dezasseis de Julho de 1668 surge em Portugal a Congregação do Oratório inspirada naquela que nasceu em Itália fundada por S. Filipe de Néri⁹⁷. Em Portugal,

⁹³ MARTINS, António Coimbra – *Quental, Bartolomeu...*, p. 521.

⁹⁴ Cf. MARTINS, António Coimbra – *Quental, Bartolomeu...*, p. 521.

⁹⁵ Cf. MARTINS, António Coimbra – *Quental, Bartolomeu...*, p. 521.

⁹⁶ SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos...*, p. 328.

⁹⁷ “Os primeiros associados do padre Bartolomeu do Quental foram: o padre João Duarte do Sacramento, credenciário da Capela Real (sacristão, pessoa que tem a seu cargo o cuidado do altar-mor), que mais

esta congregação foi impulsionada pelo “*zelo e dinamismo do Pe. Bartolomeu do Quental, então na flor da idade*”⁹⁸.

Como vimos anteriormente, era grande o número de pessoas que afluíam ao Oratório. O padre Bartolomeu vendo isto quis “*revestir a sua obra das formalidades canónicas*”⁹⁹. Pediu autorização ao cabido de Lisboa, que nessa altura estava vaga (*sede vacante*), para que concedesse autorização para a fundação da congregação do oratório. A autorização foi concedida no dia oito de Janeiro de 1668, mas no entanto era preciso a licença do Paço¹⁰⁰.

Nesta ocasião, o regente do Reino era D. Pedro II, amigo pessoal do padre Bartolomeu do Quental. D. Pedro II desejava o regresso do seu antigo Confessor e Pregador, de tal forma que enviou o conde de Vila Maior para transmitir ao padre Bartolomeu as suas intenções. Mas o padre Bartolomeu não tinha a pretensão de regressar “*ao púlpito da capela real*”¹⁰¹.

No dia vinte e três de Março de 1668, o padre Quental é autorizado a fundar a Congregação do Oratório em Lisboa. Note-se que a autorização régia, foi concedida sem quaisquer condições. Assim, o sonho do padre Bartolomeu torna-se realidade e deste modo pôde realizar, de um modo especial e concreto, a sua missão evangelizadora¹⁰².

Do ponto de vista legal, a fundação da Congregação do Oratório tinha sido um sucesso. Faltava agora o espaço concreto onde os congregados “*pudessem continuar os seus exercícios espirituais e a alimentar o espírito de caridade social, em tão boa hora iniciado*”¹⁰³. As ofertas iam aparecendo. Desde o palácio do marquês de Cascais até a um conjunto de casas no campo de Santana, entre outras. Mas o padre Bartolomeu desejava que a casa estivesse no centro de Lisboa:

tarde fundou o Oratório em Pernambuco e o padre Nicolau Monteiro, que era professor de D. Afonso e de D. Pedro, sendo mais tarde bispo do Porto. Mais tarde, agregaram-se: o padre João da Guarda, o padre António da Cruz, o padre Manuel da Costa, o padre Manuel de Lima e o padre António de Vasconcelos; o padre José do Vale, que foi visitador e fundador da congregação em Braga; o padre João Lobo, que ajudou na fundação da congregação no Porto; o padre Francisco Pedroso, o padre António de Ataíde e outros” (ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri* - In História da Igreja em Portugal. Nova edição preparada por Damião Peres. Barcelos, 1967-1971, II vol., p. 190).

⁹⁷ S. Filipe de Néri nasceu em Florença no dia 21 de Julho de 1515 e morreu no dia 26 de Maio de 1595. Note-se que foi ele quem fundou a Congregação do Oratório em Itália. Foi beatificado pelo Papa Paulo V e canonizado pelo Papa Gregório XV em 1622.

⁹⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 7.

⁹⁹ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 190.

¹⁰⁰ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 37.

¹⁰¹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 37.

¹⁰² Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 38.

¹⁰³ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 38.

“no coração da cidade para concorrer mais gente aos exercícios espirituais, habitação que não ficasse longe da Capella real para que os muitos que até ali frequentavam o Oratório della sem torcer caminho pudessem praticar os mesmos exercícios na nova Caza”¹⁰⁴.

Neste contexto surgiu uma oportunidade única, no que refere às instalações da Congregação. O local escolhido para a sua fundação foi o Pátio das Comédias, na Boa Hora. Era um pequeno edifício onde viviam uns missionários dominicanos irlandeses, “conhecidos pelo nome *hibérnios*”¹⁰⁵. Eles estavam à espera da conclusão das obras do novo colégio que se situava no Corpo Santo. Estes missionários irlandeses aproveitaram o edifício, que era um antigo teatro, transformando-o numa Igreja:

“Tinham os *hibérnios* convertido o velho teatro em igreja muito pequena; o palco era o altar-mor, e da plateia e vestibulo tinham feito o corpo da igreja, pequenos cubículos para habitarem e outras dependências igualmente modestas”¹⁰⁶.

No dia quinze de Julho de 1668 o padre Bartolomeu do Quental toma posse da casa, visto que tinha combinado com os monges irlandeses a saída destes, terminada a construção do novo colégio. Deste modo, iniciam os congregados uma nova etapa, no que diz respeito à fundação da Congregação do Oratório. No dia seguinte, no dia dezasseis de Julho, “*entraram naquela casa os padres Bartolomeu e Francisco Gomes; e no mesmo dia um ao outro lançaram a roupeta de congregados*”¹⁰⁷.

A inauguração do edifício, como casa mãe dos Oratorianos, deu-se com uma entrada solene, seguida do *Te Deum* “*entoado pelos presentes, acompanhados por muitos músicos da capela real*”¹⁰⁸. Era uma ocasião especial, de tal modo que muita gente acorreu a esta abertura singular e humilde, principalmente pessoas que já conheciam o padre Bartolomeu do Quental. Leigos e sacerdotes, frequentadores assíduos dos exercícios espirituais dirigidos por ele, quiseram marcar presença neste acto solene. Estava assim consumada a fundação da Congregação do Oratório em Lisboa. O padre Bartolomeu do Quental:

¹⁰⁴ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 38.

¹⁰⁵ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 190.

¹⁰⁶ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 190.

¹⁰⁷ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 190.

¹⁰⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 40.

“... conhecia os meandros da corte como ninguém, avaliara as principais carências urbanas e rurais no decurso das suas lides missionárias. Estava ao corrente da nefasta e suma ignorância em matéria de religião e sabia que só um corpo eclesiástico bem organizado podia ajudar a transformar lentamente a própria sociedade”¹⁰⁹.

Com esta fundação, quis, de certa forma, adoptar as mesmas ideias e o mesmo ideal cristão de S. Filipe de Néri que, cem anos antes, fundara em Itália a Congregação do Oratório.

2.3. Estatutos a adoptar¹¹⁰

Normalmente, quando se funda uma congregação ou uma instituição, um dos primeiros passos é a elaboração dos Estatutos, com o objectivo de regulamentar a vida em comunidade. Não foi o caso do fundador dos Oratorianos em Portugal. Ele começou por elencar as tarefas que cada um iria desempenhar em cada dia. Queria sobretudo entender qual seria a melhor atitude em relação à realização dos estatutos. Para regular a vida dos que habitavam no Oratório, estabeleceu algumas normas ou regras para a vida em comunidade:

“Com o despertar pela manhã cedo, reservava-se uma hora para a oração mental conjunta, celebrando missa de imediato os que eram sacerdotes a que assistiam os que os não eram. Seguiu-se-lhe a acção de graças e a primeira refeição. O afluxo sistemático de fiéis aos exercícios obrigava os padres a gastarem largo tempo das manhãs no confessionário. Cerca das onze horas tinha lugar o almoço, em silêncio. Um lia a Bíblia, a vida dos santos ou algum extracto escolhido do Martirológico. Daí se passava à quiete, isto é, ao recreio durante cerca de uma hora. Nele eram abordados casos da moral, de teologia ou assuntos de carácter piedoso em que cada um podia explicar os seus pontos de vista ou pedir esclarecimentos. O equilíbrio físico, suporte de uma moral equilibrada, exigia um pequeno período de repouso (sesta, durante o tempo quente), durante o qual se guardava silêncio rigoroso”¹¹¹.

Como vemos no texto acima citado, o padre Bartolomeu teve a preocupação de “ocupar” o tempo aos congregados. Desde o levantar até ao almoço, os sacerdotes e os demais fiéis iam à Missa, confessavam-se, faziam leituras espirituais e devocionais e, acima de tudo, era dado espaço ao silêncio.

Durante a tarde, os congregados continuavam as suas tarefas. Assim:

¹⁰⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 40.

¹¹⁰ Como não tivemos acesso aos manuscritos do padre Bartolomeu do Quental recorreremos à Tese de Doutoramento do Professor Eugénio dos Santos, que no apêndice, transcreve as cartas correspondentes à elaboração e aprovação dos Estatutos.

¹¹¹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 40.

“De tarde, após estudo individual, reuniam-se de novo para a leitura de um ponto para meditação e algumas orações do calendário litúrgico. Três dias por semana (segunda, quarta e sexta-feira) havia disciplina, isto é, mortificação física durante só um quarto de hora, porque o mais importante era manter o equilíbrio interior, não as manifestações exteriores. O fim da tarde era, mais uma vez, dedicado ao estudo e aos exercícios pastorais na igreja, findos os quais de novo havia oração em comum. Agora eram as ladainhas e outros exercícios piedosos. Tinha, a seguir, lugar a última refeição, nos moldes da anterior, incluindo o mesmo tempo livre, no final. Antes de se recolherem definitivamente aos cubículos havia um quarto de hora de exame de consciência. Daí em diante o rigoroso silêncio só era quebrado pela oração da manhã seguinte”¹¹².

Era assim o dia-a-dia dos congregados. Nota-se o equilíbrio e profundidade que o padre Bartolomeu do Quental transmitia aos seus colaboradores e amigos. Como vimos, a vida em comunidade dos oratorianos era intensa mas a finalidade era a abertura e cultivo da vida espiritual.

Para além das funções de administrador, o padre Bartolomeu do Quental era o responsável pelas práticas e conferências dos Domingos e dias santos, confessava inúmeras pessoas durante o dia, bem como as acompanhava espiritualmente, visitava e confessava os doentes, os presos e hospitalizados¹¹³. Constatamos que ele desempenhava com todo o ardor a sua função de orientador e responsável de uma Congregação que tinha como objectivo transformar a mentalidade do povo através da oração e caridade e acima de tudo, transmitir as suas convicções e a sua forma de viver. Tendo em conta esta situação, isto é, o trabalho árduo de um homem devoto e carismático, na Quaresma de 1669, fica gravemente enfermo. Foram então escolhidos os melhores médicos da altura para lhe fazerem um diagnóstico. O seu estado de saúde não era bom, a tal ponto que os médicos mandaram administrar-lhe o Viático. Ficava impossibilitado de qualquer trabalho. Esta situação teve repercussões negativas na vida do Oratório, que se tornaram visíveis não só a nível administrativo, como também na diminuição dos fiéis que o frequentavam. O que fazer perante esta situação? Era difícil encontrar um substituto à altura do padre Bartolomeu do Quental, visto que era um homem de inúmeras virtudes e com uma grande capacidade de governo¹¹⁴.

Perante esta situação, algo de inesperado acontece. Este será um momento que irá dar nova vida à Congregação do Oratório. Falamos de Diego de Liñan, padre espanhol que teve um papel importante no que diz respeito à colaboração na fundação da Congregação do Oratório em Espanha, particularmente os casos de Valência, Madrid

¹¹² SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 40.

¹¹³ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 41.

¹¹⁴ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 41-42.

e também de Cádiz. Este padre “... *era uma pessoa de grandes virtudes e fácil palavra, podendo auxiliar extraordinariamente a congregação a sair da situação embaraçosa em que se encontrava*”¹¹⁵.

Os dois fundadores encontraram-se para estabelecer alguns parâmetros em relação à administração da casa. O padre Diego de Liñan, ouvindo o padre Bartolomeu do Quental, ficou ciente das dificuldades que iria encontrar futuramente. Depois desta reunião, o padre espanhol põe mãos à obra e realiza um trabalho magistral. A afluência dos fiéis aumenta, os exercícios no Oratório prosseguem, bem como a actividade da casa ganha uma nova vida. Tal como o padre Bartolomeu do Quental, o padre Diego tinha uma grande fama no que se refere à oratória: “*Ele tinha especial talento para o púlpito e a língua castelhana, em que falava atraía os ouvintes em grande número*”¹¹⁶. Apesar da enfermidade no padre Bartolomeu, o funcionamento da casa não parou. Esta colaboração estrangeira veio enriquecer a vivência desta comunidade de sacerdotes e fiéis. Para melhorar a situação, o padre Bartolomeu recupera a saúde¹¹⁷.

2.4. Estatutos: preparação e aprovação

Como dissemos, a primeira preocupação do padre Bartolomeu do Quental não foi a elaboração dos estatutos da congregação, mas sim “... *ver primeiramente a sua obra frutificar, insinuar-se no coração dos fiéis, para, depois, ter força moral para agir*”¹¹⁸. Tendo em conta este panorama, procura a melhor forma para formalizar os estatutos da congregação por ele introduzida em Portugal. Há um excerto de uma carta escrita por ele no dia treze de Janeiro de 1669, a primeira carta dirigida a Roma, mais propriamente ao padre Mariano Zozzini, prepósito da Vallicella, que era o superior da casa romana. Ela diz o seguinte:

“Hauera onze ou doze annos que em hua congregação particular continuamos os exercicios particulares de oração, disciplinas, praticas e frequensia dos Sacramentos com grande aproveitamento das almas, e foi este tanto aumento que netrei em escrúpulo de lhe não aplicar os meios para durar estre fruto ainda depois da morte dos que agora por Misericordia e graça de nosso Senhor tomou o mesmo Senhor por instrumento desta obra, e como o único remedio nos pareceu ser o de algua clausura, em que alguns assistissem fazendo costas e pondo os peitos a este serviço, tratei de pedir licença ao prelado e a El rei, e ambas alcancei, e com ellas me recolhi em hum sitio, e igreja

¹¹⁵ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 42.

¹¹⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 42.

¹¹⁷ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 43-44.

¹¹⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 44.

acomodada ao intento, onde assisto ia com mais três sacerdotes, hum clérigo de ordens menores e dois irmãos leigos, e cedo esperamos ter mais sacerdotes”¹¹⁹.

Esta carta mostra claramente quais as intenções do padre Bartolomeu do Quental, ou seja, ele queria que a sua congregação obtivesse a aprovação de Roma, visto que a nível interno já as tinha. Numa outra passagem da sua carta enviada para Roma continua dizendo:

“...o intento primeiro foi seguirmos a regra e estatutos do Patriarcha S. Phelipe, mas acouardounos uer que conforme os que tínhamos feito não podíamos seguir os seus in totum mas com diferença de mais, e menos em varias partes, e que deste modo seria possível termos a sua invocação...”¹²⁰.

Nota-se nesta passagem que ele já tinha percorrido algum caminho na elaboração dos estatutos da Congregação. É certo que o ideal do Oratório português não era muito diferente daquele que tinha sido fundado em Itália por S. Filipe de Néri. Para melhor percebermos o processo de aprovação dos estatutos, vamos procurar sintetizar as etapas que levaram à aprovação, por parte da Santa Sé, dos estatutos referentes à congregação introduzida em Portugal pelo padre Bartolomeu do Quental.

No dia doze de Janeiro de 1670, são redigidos os Estatutos da congregação e apresentados ao cabido de Lisboa. Passados dezoito dias da apresentação são aprovados e confirmados pelo cabido. Faltava agora a aprovação da Santa Sé¹²¹.

Logo de seguida, o padre Bartolomeu recorre a Clemente X com a finalidade de que ele aprovasse o seu instituto *ad instar* (à semelhança) daquele que S. Filipe de Néri tinha fundado em Itália, isto é, com as mesmas graças, privilégios e isenções mas, principalmente, que os seus estatutos fossem aprovados. O papa no breve de seis de Maio de 1671 corresponde ao seu pedido, confirmando e aprovando as devidas licenças, sem mencionar os estatutos, isto é,

“... concedia à Congregação de Lisboa a pedida aprovação e confirmação com todas as graças, privilégios e indultos apostólicos que era costume conceder às outras congregações, mas..., exigia-lhe a observância dos estatutos do Oratório Romano”¹²².

¹¹⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 45.

¹²⁰ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 46.

¹²¹ Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 190.

¹²² SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 51.

Tendo em conta esta situação, o fundador dos oratorianos, apesar de não muito satisfeito, rejubila com esta decisão vinda de Roma. Era uma etapa deveras importante para este novo instituto. Houve comemorações para exaltar este momento de graça desta congregação que conseguira a aprovação eclesiástica de Roma. Para abrilhantar esta festividade houve, durante três dias, celebrações litúrgicas seguidas de sermões. O último dia foi dedicado principalmente a S. Filipe de Néri, com missa celebrada pelo deão da capela real (dignidade eclesiástica a que está inerente a presidência do cabido). Este momento ficou marcado pela presença do príncipe D. Pedro que tinha uma grande estima e amizade para com o padre Bartolomeu do Quental. É de notar que este acontecimento teve um grande significado para o fundador dos oratorianos em Lisboa, mas algo faltava para finalizar a sua obra. O papa Clemente X exigia à Congregação do Oratório que esta seguisse a observância dos estatutos romanos que não foram tidos em conta nos elaborados pelo padre Bartolomeu¹²³. Assim, em Agosto de 1671, ele escreve ao prepósito de Vallicella:

“Agora me parece ocasião mais oportuna de escrever a V. Reverendissima, pois nos fes nosso Senhor já merce de sermos ditosos, mas indignos filhos do Patriarca S. Filipe Neri, pello breve da nossa Confirmação, que nos concedeu Sua Santidade, e que agradecemos a nosso Senhor com três dias bem festivos com aplauso geral da Corte, dedicandoce o ultimo deles particularmente ao Santo Patriarca assistindo o Principe nosso Senhor com a sua Cappela, e musica à missa, e sermão, e visitando a igreja na tarde a Princesa nossa Senhora, ficando ambos muito devotos ao nosso S.to Padre, cuja devoção tem pegado de sorte nos corações desta Corte, que he para dar graças a nosso Senhor; tempo é já pois de V. Reverendissima nos conceder a sua relíquia, que nos tem prometido, e bem merece esta Congregação, e esta Corte, que seja acentajada ás mais que se repartirão por outras, pello alvoroço, feé, e devoção com que a esperão, e festas que se fazem em louvor do Santo Padre; e a nosso P. João Rodrigues da Vitória portador desta a pode V. Reverendissima mandar entregar; como também hua minuta, ou memoria dos privilégios, que tem essa Santa Congregação, assim os que elle pedir por sua memoria, como os mais que houver, para virem concedidos por Sua Santidade, e quando não possa ser, ao menos autenticados em forma que faça feé, para fasermos o que em nos for para que no los guardem qua; nisto, e em tudo o mais espero eu do santo zello de V. Reverendissima, nos ampare, e nos em nossas humildes orações faremos pello merecer, a essa santa Congregação, e a V. Reverendissima, a quem o Senhor guarde para seu santo serviço”¹²⁴.

A carta enviada para o prepósito de Vallicella dá conta da alegria do padre Bartolomeu do Quental em fazer parte da família de S. Filipe de Néri. Faz também alusão às festividades que ocorreram na casa da Congregação do Oratório, bem como ao patrocínio da Corte portuguesa.

¹²³ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 50-51.

¹²⁴ SANTOS, Eugénio – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 360.

No dia três de Setembro de 1671 escreve novamente ao superior de Vallicella. Na carta enviada a Roma refere a rápida difusão da Congregação do Oratório em Lisboa:

“Por este mesmo proprio tenho escrito a V. Reverendissima, mas como fui mais breve do que pedem estas cousas, agora que sei que não partio ainda, me pareceu fazer mais estas regras, em que acrescento o que faltaria na outra: nella dou noticia a V. Reverendissima da nossa Confirmação e o muito que está divulgada nesta Corte a devoção de nosso Santo Patriarca S. Phelippe Neri, e creio que se as cousas se puzerem como convem se arregará muito a sua devoção e se multiplicarão as fundações de casas suas, e esta, seja nosso S.or bendito, em pouco mais de três anos está em bem diversa altura do que outras de muito mais tempo em muitos anos, das pessoas que assistem nesta Corte e das que uão para essa Curia, o poderá V. Reverendissima saber, quando me não creia por intereçado; para ir por diante obra de tanto serviço de nosso Senhor gloria do Santo, e bem das almas em que se fas tanto fruto com as praticas, continua administração dos Sacramentos, e mais exercícios espirituais, todos os dias, de oração, penitencia etc...”¹²⁵.

Exte excerto mostra claramente a grande difusão da Congregação do Oratório em Lisboa, bem como a grande afluência de pessoas aos sermões, à frequência dos sacramentos, aos exercícios espirituais e à penitência. O padre Bartolomeu refere também que todos os privilégios e graças deveriam ser comunicados ao padre João Vitória, bem como “*os privilégios das religiões, isto é, se uma vez aprovados para uma diocese o eram para todas*”¹²⁶. Ele diz assim:

“... e o que logo começaremos em missões, necessitaremos primeiramente das orações e santos sacrificios dessa Santa Congregação, e depois do favor e patrocínio de V. Reverencia, e mais padres nessa C comunicando ao Pe. João Rodrigues Vitória nosso Companheiro e portador desta, todos os privilégios, e graças que essa Santa Congregação tem dos Summos Pontifices, e se comunicação os das Sagradas religiões por alguns priuilegios, cousa tão grande, que creio tera, essa Santa Congregação, e fes me persuadir mais a isso encontrar casualmente em hum livro, para prova de que os religiosos aprovados em hum bispado o ficão para todos, que assim concedera o Papa Xisto quinto aos sacerdotes da Congregação do Oratorio, onde inferi que devem os das religiões, ou outros muitos, e para que V. Reverendissima se anime a nos fazer merce mandallos autenticar todos em forma que faça feé, e ajudar, ou apadrinhar ao dito Padre para que venhão confirmados por Sua Santidade, para que os possamos comunicar, ou participar, assim e da maneira que os tem essa Santa Congregação, saiba que ao serviço de Senhor, Credito, e aumento das Congregações do Santo Patriarca convem muito que todas as suas os participem, e ainda esta, e as mais com maior necessidade, pois estão mais longe do reparo...”¹²⁷.

¹²⁵ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 361.

¹²⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 53.

¹²⁷ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 361.

O padre Bartolomeu aborda o facto de a congregação por ele fundada estar sujeita ao bispo diocesano onde mostra os obstáculos de depender dele:

“... e mais quando o Santo Patriarca dispôs que as cassas fossem entre si independentes, e cada hua sujeita ao Prelado dos bispados, em que se fundarem, o que devemos venerar por disposição sua, e ser observado por essa S.ta Congregação, posto que pella parte contraria se representem alguas dificuldades; mas nestes termos convem todo o privilegio possível em ordem ao seu decoro, e conservação; para que como pode ser conveniente a hua Congregação haver de pedir licença ao Ordinario para expor o Santissimo em hua festa, estarem os Congregados expostos a irem a tantas procissões que manda o Prelado não só a de Corpus, e bulla da Cruzada, mas outras que ordinariamente manda, tendo isso grande inconvenientes, na materia das licenças para confessar trataremnos pella mesma forma, e estilo, que a qualquer outro clérigo, poderem estar expostos a hum prelado com causa, ou sem ella os meter em hua prizão pública, e sujeitos a tantos ministros como tem hum Prelado, não poderem fazer hua procissão sem licença e estar a Congregação de S. Phellipe Neri exposta a estes e outros muitos inconvenientes como estes, e outos que destes se seguem? ...”¹²⁸.

Na mesma altura o padre Bartolomeu do Quental entra em contacto com o padre João Vitória dizendo o seguinte: “*as nossas pretensões dos Estatutos, e privilégios da Congregação de S. Filipe de Neri de Roma, que em todo o caso nos importa alcançar de S. Santidade para podermos participar o que ella tiver*”¹²⁹.

A decisão da cúria romana foi sendo adiada, aumentando assim as dificuldades da aprovação dos Estatutos. Numa das cartas redigidas pelo padre Bartolomeu do Quental ao padre João Rodrigues Vitória em 1671, da qual transcrevemos algumas passagens, expõe as seguintes preocupações:

“No que toca ao mais da aprovação dos Estatuto(s) e mais cousas e privilégios não repito por que tenho dito assim as razões com que se podem procurar como também dos com que se podem irmanar com os de S. Filippe ao caso que se não consiga primeiro, mas só com os seus de nenhuma sorte convem, por que veja V. M. que Congregação teria sem oração de obrigação e em hora determinada, juntos em se levantando; e outras muitas larguezas, e se isto não puder esconder-se aos Padres da Congregação do Santo nessa Curia, tem chegado V. M. a dizer que se o Santo os fizera para este nosso reino os havia fazer como os nossos e que por isso algumas Congregações do Santo em alguns reinos se pode dizer que nem são do Santo, nem deixão de ser, nem ter estatutos com tão pouco aumento e reforma como temos noticia [...] se conseguirmos os Estatutos como os desejamos, e os seus privilégios, os mais possíveis como temos pedido, o ponto está em que as Congregações concordem no fim e no substancial o guardem dos do Santo o que poderem e convier, conforme aos terrenos e no mais não fiquem sem lei e a sua liberdade mas tenham para o mais Estatutos de maior reformae que condusão mais à observancia, nem eu sei que estas razões e outras que tenho escrito tenham boa solução [...] e para dizer a V. M, a summa do escruplo sobre os Estatutos; daqui à amanhã ou

¹²⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 361-362.

¹²⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 53.

ainda antes, diria cada hum dos congregados que não queria guardar mais que o que dizião os de S. Filipe Neri e com isto entraria a desunião e lá hião tantas cousa(s) que agora se fazem e consequentemente a nossa reforma com tanto escândalo no mundo”¹³⁰.

Tendo em conta estas passagens podemos observar que as pretensões do padre Bartolomeu do Quental eram elevadas. Aqui vemos que “*ele havia delineado uma congregação que funcionasse como um corpo perfeitamente organizado e eficiente, embora livre*”¹³¹. Prossegue o seu trabalho de fundador e organizador da Congregação do Oratório, enquanto os Estatutos não são aprovados, seguindo directamente os seus regulamentos. Numa das cartas, dirigidas ao seu procurador em Roma, ele mostra o seu desgosto em relação à demora do processo de aprovação. Vejamos algumas passagens:

“Com ella me mandou V. M. o trespado do Decreto ou despacho que teve para a confirmação dos Estatutos, bem diverso da primeira nova que nos havia dado no correio antecedente sobre este negócio; seja Deus louvado, que sempre nos manda melhores novas no primeiro aviso, e depois se auguão no segundo tudo se dispõe por sua divina providencia, e como tal devemos aceitar; mas porque o mesmo Senhor nos deixou licença para tratarmos dos meios ordinários em quanto nos parece conveniente e nos não consta da sua santa vontade, digo que devemos fazer o requerimento contra este despacho, que como he ainda na mesma causa sem se tirar o decreto ou se passar ordem não será tão difficil nem tão custoso, e que o seja, paciencia, pois assim convém por muitas razões...”¹³².

E depois apresenta, em quatro pontos, algumas particularidades em relação à aprovação dos Estatutos, remetendo ao seu procurador para a realização de um requerimento:

“... primeira por que muito diversa autoridade, vigor e estimação imediata de S. Santidade e mais quando os Estatutos já estão confirmados pello Prelado Ordinário que quase em tudo he o mesmo Cabido Sede-Vacante que o Arcebispo e como tal ficou em seu vigôr tudo o que em tantos anos havia determinado e os Estatutos com mais rasão, pois estamos vivendo e governando-nos por eles há quatro anos sabendo-o muito bem o Arcebispo. Segundo porque metendo-lhe outra vez nas mãos a averiguação deste negocio he de levantar nova poeira, remetendo-o a vários religiosos e outras vez à sua Relação, em que nem todos são affeiçãoados, e à volta do que se mande averiguar, e querem eles e o Prelado accomoda-los a seu modo e à sua jurisdição com o que corria grande perigo e successo bom, e só bulir em qualquer cousa no principio das fundações he odioso, e mais com o nosso Arcebispo que he notavelmente meúdo, ainda em cousas mais pequenas, com o que he o perigo maior. Terceiro; por que deste modo, quando não a Elle, a seus successores quererem innovar o que lhes parecer, nem a clauzula que V. M. diz pozêrão por grande favor, atalha este inconveniente, por que a que traz o Breve de

¹³⁰ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 363-364.

¹³¹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 364.

¹³² Carta nº 4 do padre Bartolomeu do Quental (Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 364-365).

os Arcebispos não poderem alterar nos Estatutos, o podem e hão de explicar daqueles que continha o Breve, e não dos outros; e dirão bem, que eu também, e os outros assim o entendemos; maiormente quando a ratificação vem só geral e tão pouco expressiva e pelo menos a bem livrar he ter cada dia huma duvida e ser necessário recorrer de novo à Sede Apostolica. Quarto. Por que com esta Confirmação fica a Congregação e seus Estatutos muito incapases de se esdenderem pelos outros Bispados, por que corre grande perigo querendo-o aceitar seus Prelados, confirmados pelo de Lisboa e ou os não querendo ou que(re)rão nova ordem de Sua Santidade para eles os confirmarem e já por esta razão, me não atrevo a dizer de todo que V. M. os passe assim para a de Pernambuco, posto que o bispo he tão bom homem e tão nosso amigo, que entendo os aceitará; mas que assim seja, podem vir outros que os não queirão, ou os innovem”¹³³.

E a seguir diz:

“Por estas razões e outras que eu não aponto me parece que V. M. deve fazer novo requerimento com tanta força para que S. Santidade os confirme.”¹³⁴.

Atendendo aos obstáculos que se opunham à aprovação dos Estatutos da congregação, o padre Bartolomeu do Quental diz o seguinte:

“V. M. me alega com um adagio que lhe disse o Official maior da Secretaria, que no nosso romance vem a dizer, que eu quero chuva no naval e sol na eira, pois quero ter por Padroeiro a S. Filippe Neri e a nossa Senhora e novos Estatutos, ao que he força responder agora, mais do que quizera. Detreminadamente bem sabe V. M. que nós não pedimos nunca ser de S. Filippe Neri, assim por não tirar este titulo a nossa Senhora, como e muito principalmente por que não convinham os seus Estatutos pelas muitas larguezas que servirão de grande ruina à Congregação em Portugal, mas estaríamos puxando pellos nossos Estatutos... Mas se então e até agora não soube explicar melhor por dizer muito, ou nada saber, mais agora desejo em quatro palavras resumindo: primeiramente que queremos o titulo do Oratório de Nossa Senhora da Assumpção, como já vem no dito Breve e os nossos Estatutos nos modos sobredito. [...] digo em segundo logar que queremos e rogamos se faça toda a diligencia possível pelos sobreditsos privilégios, todos mais que se poderem conseguir, pois sem eles, tudo estará no ar e sem decoro; e se os não conseguirmos ou todos ou em parte teremos paciencia, emquanto não podermos tornar a requerer...”¹³⁵.

Neste texto notam-se quais são as intenções do padre Bartolomeu: “...obter as vantagens e privilégios da congregação de Roma, mas com os seus próprios estatutos, elaborados e experimentados no terreno há anos”¹³⁶. Mas fica a questão: será que ele queria afastar-se daquilo que eram as directrizes de S. Filipe de Néri? Atendendo à sua personalidade e devoção ao santo fundador do Oratório em Itália, tudo aponta para

¹³³ Carta do padre Bartolomeu do Quental (Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 364-365).

¹³⁴ Carta do padre Bartolomeu do Quental (Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 365).

¹³⁵ Carta do padre Bartolomeu do Quental (Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 367).

¹³⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 56.

que não. Toda a obra criada pelo padre Bartolomeu tem a sua raiz no instituto filipino¹³⁷.

Desde o início de 1672, o panorama começa a alterar-se, isto é, o processo de aprovação dos Estatutos toma um novo rumo, dando esperança ao padre Bartolomeu de conseguir a devida aprovação por parte da Santa Sé¹³⁸. Na carta de sete de Março de 1672 ele escreve o seguinte:

“No tocante aos privilégios de S. Filipe Néri folgo muito estejam já na altura que V. M. diz de se justificarem, esta diligência feita posto que lá serão necessários para requerimentos como V. M. diz, estimarei muito e peço que mos mande ao menos apontados, não só pelo gosto de os ver, mas também para os podermos hir introduzindo como podermos, para o que se vierem em forma que faça fé será muito bom [...] He certo que temos a S. Filipe Neri por Padroeiro, e lhe fazemos todos aqueles obséquios públicos e quotidianos e que os religiosos costumão fazer aos seus Patriarcas e nos (*ora pro nobis beate Pater noster Filippe*) etc. para o que basta termos o seu mesmo instituto e modo de vida, e os seus exercicios e ainda o substancial dos seus estatutos, e o mais que nos nossos, tudo he para maior observância dos seus, com as mais razões que tantas vezes tenho repetido e que fossem se quisessem metellos como parte ou apêndice dos seus estatutos; no que bem se vê o meu animo tantas vezes declarado e que por seus filhos nos nomeamos; e quem disse ao presidente o contrário? Ou elle o imaginou, é falso, até eu me offendi de V. Mercê me dizer nesta carta, que ele o dizia, e assim o póde V. Mercê despersuadir, e foi para mim isto hua bombarda; previna-o e que me parece convem à conservação da Congregação e observância do instituto que temos e nada mais”¹³⁹.

Apesar de todas as peripécias que se desenrolaram durante o processo de redacção e aprovação dos Estatutos referentes à Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri em Lisboa, deu-se o reconhecimento dos Estatutos, que aconteceu no dia vinte e quatro de Agosto de 1672, por Clemente X, pelo breve *Ex injuncto nobis*¹⁴⁰.

É preciso ter em conta que, apesar das cartas escritas pelo padre Bartolomeu não nos proporcionarem informações relativas à sua espiritualidade, elas mostram e dão-nos indirectamente, esclarecimentos acerca do culto a S. Filipe de Néri¹⁴¹ e da influência de uma espiritualidade no Oratório português.

¹³⁷ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 56.

¹³⁸ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 56.

¹³⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 367

¹⁴⁰ Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 190.

¹⁴¹ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...*, pp. 55-56.

3. A difusão da Congregação do Oratório em Portugal

O trabalho realizado pelo padre Bartolomeu do Quental em Lisboa, mais concretamente no que diz respeito à introdução da Congregação do Oratório de São Filipe de Néri em Portugal, proporcionou que esta congregação se desenvolvesse ainda mais.

Vamos neste ponto, resumidamente, dar a conhecer alguns aspectos, no que se refere à introdução da Congregação do Oratório em Freixo de Espada à Cinta, no Porto e em Braga. Devido à muita informação acerca das fundações da congregação, nos lugares referidos, apresentaremos apenas alguns detalhes referentes aos alicerces que foram preponderantes para o alargamento e crescimento desta instituição fundada pelo padre Bartolomeu do Quental e que foram extremamente importantes para a missão por ele desempenhada.

3.1. Freixo de Espada a Cinta

Consolidada a fundação da Congregação do Oratório em Lisboa, a missão do padre Bartolomeu do Quental expande-se até ao Norte, mais concretamente a Freixo de Espada à Cinta que, segundo Eugénio dos Santos, fica situada

“... no extremo sul oriental da remota província de Trás-os-Montes. Corre a seu lado o Rio Douro, por nascente, que lhe serve de fronteira em relação a Castela com quem manterá relações frequentes, sobretudo através de Salamanca. A vila espalha-se por um lugar plano e baixo, envolvido por pequenas elevações. De clima variável, alterna os rigores do frio com calores sufocantes, no Verão”¹⁴².

Um dos impulsionadores foi o padre Francisco da Silva, que tinha o desejo de introduzir naquela zona os Clérigos Regulares Menores de S. Francisco de Caraciolo. Mas no ano de 1671, entra em contacto com o padre Bartolomeu do Quental, com o intuito de obter algumas recomendações. O padre Francisco fez o noviciado em Lisboa recebendo a roupeta do padre Bartolomeu do Quental¹⁴³. No ano de 1672, o padre Francisco reveste os seus companheiros transmontanos com a roupeta oratoriana¹⁴⁴.

¹⁴² SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 71.

¹⁴³ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 73-77.

¹⁴⁴ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 78.

Aí se instalaram alguns congregados no ano de 1673, na ermida de Nossa Senhora do Vilar, que com o tempo foi alargando¹⁴⁵. É verdade que os primeiros tempos de vida desta instituição transmontana foram muito difíceis, atendendo a carências tais como: “*instalações deficientes, escassez de rendimentos e recursos alimentares, certas dificuldades de adaptação ao meio*”¹⁴⁶. Mas no entanto, nos primeiros anos da década de oitenta, a Congregação foi agraciada com a entrada de muitos noviços, alguns deles já padres experientes, o que foi fulcral para a propagação religiosa nessa zona.

3.2. No Porto

Ao mesmo tempo em que na cidade de Lisboa que regulamentava a fundação da Congregação do Oratório, no Porto, havia um homem que se destacou na acção pastoral, dedicando-se à obra do Colégio dos meninos órfãos: o padre Baltasar¹⁴⁷. Atendendo às dificuldades vividas na altura, o padre Baltazar pediu ao padre Bartolomeu do Quental alguns congregados de forma a contrariar e melhorar a situação em que se encontrava. Por escritura pública de 1673, o padre Guedes doa o colégio dos órfãos aos sacerdotes da Congregação do Oratório. Esta doação ficou sem efeito devido a algumas cláusulas que não foram aceites. No dia vinte e sete de Novembro de 1677, o padre Guedes fez uma nova doação, confirmada pelo príncipe regente D. Pedro, a quatro de Maio de 1679, que no entanto não foi aceite pelos oratorianos. Um ano mais tarde, vindos de Lisboa, chegam ao Porto os padres Manuel Rodrigues e João Lobo com o objectivo de fundar a casa da Congregação do Oratório no Porto¹⁴⁸.

A certa altura, surge um rumor de que os oratorianos iriam “*tomar conta do colégio para dele expulsarem os órfãos, o que criou certa indisposição, mesmo no ânimo do Padre Guedes*”¹⁴⁹. Atendendo a esta situação abandonaram o projecto de aí fundar uma casa pertencente à Congregação do Oratório. Algo que aconteceu na ermida de Santo António da Porta de Carros, que foi doada pela câmara. Ao mesmo tempo, a

¹⁴⁵ Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 193.

¹⁴⁶ SANTOS, Eugénio dos - *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 80.

¹⁴⁷ “Fundou, a partir de 1651, um colégio para ir recolhendo os meninos abandonados da cidade que aí seriam criados, educados cristãmente e encaminhados para uma vida digna e útil à sociedade. Nele consumiu toda a sua fazenda e o produto das esmolas que ele e seus colaboradores haviam recolhido. Instalaram-se, a princípio, nas construções anexas à ermida de Nossa Senhora da Graça, junto da Porto do Olival. De começo eram seis educandos, mas o número subiu, semanas depois, para quinze e ia crescendo sempre. (...) O mais preocupante era o que se prendia com a educação moral, intelectual e cívica dos jovens, além dos problemas decorrentes da administração quotidiana. (...) Decidiu ir a Lisboa tratar directamente do assunto” (SANTOS, Eugénio dos - *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 99-101).

¹⁴⁸ Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 193.

¹⁴⁹ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 193.

câmara doa “*um campo em redor da capela e a água de uma fonte que já anteriormente cedera para a sacristia*”¹⁵⁰. Mais tarde começam as obras do edifício que iria ser a casa dos congregados tendo o apoio do bispo D. Fernando Correia. Este “*entusiasma-os, amparando-os materialmente e aconselha-os em todos os pormenores*”¹⁵¹. O bispo trata então de pedir ao papa Inocêncio XI que confirme a congregação no Porto. O pedido foi deferido pelo pontífice no dia vinte de Maio de 1683, exceptuando as normativas face à imposição nas igrejas¹⁵². No mesmo ano,

“por alvará de 23 de Julho de 1683 confirmou o regente D. Pedro a doação feita pela câmara do Porto. Por outro alvará, de 12 de Julho de 1685, tomou a Congregação do Porto sob sua protecção; e por outro de 13 do referido mês e ano concedeu para sustentação da casa quatrocentos e sessentas mil réis anuais, pagos pelos sobejos do cofre das rendas da cidade do Porto, consignaçoão que por alvará de 10 de Junho de 1686 passou para a alfândega da mesma cidade”¹⁵³.

Foi assim que se deu a fundação da Congregação do Oratório na cidade do Porto. Os padres oratorianos desempenharam um papel importante na cidade do Porto pois esta congregação “*...constituía em Portugal um poderoso instrumento de transformação da sociedade...*”¹⁵⁴.

3.3. Braga

Para além de Freixo de Espada à Cinta e Porto, também Braga acolheu a Congregação do Oratório. Tudo começou quando o cônego João de Meira Carrilho começou a reflectir acerca do destino dos seus bens e como tal tratou de os oferecer à Congregação do Oratório. Também o arcebispo D. Luís de Sousa, sabendo das intenções do cônego, prontamente se disponibilizou para ajudar na implementação da Congregação em Braga¹⁵⁵.

É nesta fase que o cônego João Carrilho entra em conversações com o seu amigo, o padre Manuel Rodrigues, um dos que iniciou a Congregação do Oratório no Porto, a fim de que este tomasse providências para o envio de alguns congregados para a cidade de Braga. As conversações entre o padre Rodrigues e o cônego bracarense

¹⁵⁰ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 193.

¹⁵¹ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 193.

¹⁵² Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 193.

¹⁵³ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 194.

¹⁵⁴ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 111.

¹⁵⁵ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 111-113.

foram fundamentais para a criação da nova casa dos congregados em Braga, bem como o auxílio do arcebispo. É evidente que o padre Bartolomeu do Quental estava a par de toda a situação, pois tinha um grande apressado pelo seu amigo, o padre Manuel Rodrigues.

A ideia estava lançada. Faltava agora quem representasse o padre Bartolomeu nesta nova casa fundada em Braga. Enviou dois padres de Lisboa, o padre José do Vale e o padre Francisco Rodrigues. Estes partiram de Lisboa no dia vinte e três de Agosto de 1685 em direcção a Braga. No dia trinta do mesmo mês, encontram-se, no Porto, com o padre Manuel Rodrigues que os acompanhou nesta fase. Chegados a Braga foram então recebidos pelo cónego Carrilho. Aí prosseguem as devidas diligências para a erecção da nova casa¹⁵⁶. Eles,

“...com a protecção do cónego João de Meira Carrilho, que lhes deu dez mil cruzados, compraram no Campo de Santa Ana uma casa e um quintal próximo. Ali começou a comunidade, com admissão de noviços e eclesiásticos, e logo se abriram aulas. Depois compraram-se mais casas e terrenos para alargar o edifício e a igreja; desta lançou a primeira pedra o arcebispo D. Luís de Sousa em 1689. Em 1690 confirmou Alexandre VIII aquele instituto pelo breve *Ad pastoralis*, de 30 de Setembro”¹⁵⁷.

Foi desta forma, ainda que de uma forma resumida, que se deu a difusão da Congregação do Oratório no território que hoje conhecemos como Portugal. É verdade que teve mais influência em Lisboa. No entanto, notou-se a sua preponderância e crescimento pelo país.

4. Organização interna

Neste ponto vamos fazer uma pequena abordagem à maneira como os congregados viviam em comunidade.

Segundo Eugénio dos Santos, “o Oratório consistia numa comunidade de sacerdotes unidos apenas pelo desejo de alcançar uma maior perfeição no desempenho do seu *múnus pastoral*”¹⁵⁸. Segundo o ponto de vista dos fundadores, nomeadamente o padre Bartolomeu do Quental, o sacerdócio encerra em si o “*máximo de perfeição*”¹⁵⁹. Daí que se entenda a exclusão de quaisquer votos, atribuindo a cada um dos

¹⁵⁶ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 115-116.

¹⁵⁷ ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri...*, p. 195.

¹⁵⁸ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 132.

¹⁵⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 133.

congregados a liberdade individual. Uma das maiores inovações dos Congregados do Oratório em Portugal era o simples facto de eles serem simples clérigos, isto é, não observavam qualquer tipo de votos. Deste facto podemos argumentar que eles constituíam uma comunidade secular unidos e comprometidos pela fraternidade¹⁶⁰.

A maneira de alcançar a perfeição ou santificação era, segundo os oratorianos, através da oração vocal acompanhada pela oração mental, extremamente relevante no que se refere à espiritualidade desta comunidade. Todos aqueles que pertenciam aos congregados do Oratório tinham a possibilidade de se santificarem através de lições espirituais, doutrinas devocionais, catequeses e sermões que embelezavam as Eucaristias¹⁶¹.

O instituto português fundado pelo padre Quental seguiu de perto, como dissemos anteriormente, os parâmetros daquele que tinha sido fundado anteriormente em Roma. Desta congregação italiana, adoptou o sistema fundamental, isto é, uma *“reunião de sacerdotes que não têm entre si outra ligação senão o seu sacerdócio e outra exigência na sua vida além da que deriva desse mesmo sacerdócio”*¹⁶². O padre Bartolomeu sabia muito bem quais as opções que devia tomar para melhor empreender a sua missão, ou melhor, a sua obra. Como já dissemos anteriormente, a vida da casa estava muito bem equilibrada e cada um dos congregados desempenhava a sua função com a máxima compreensão e simplicidade.

No que diz respeito à admissão dos noviços, cada um deles, antes de entrar na Congregação, deveria fazer um retiro anual com a duração de nove dias, seguindo-se *“o acesso à roupeta preta e antes da celebração da primeira missa”*¹⁶³. Este recolhimento, obrigatório, pautava-se acima de tudo pela oração mental, durante quatro horas por dia, com intervalos, *“para que estejam o estomago e o cérebro mais dezempedidos”*¹⁶⁴. Estes momentos de oração finalizavam com uma confissão geral, firmando cada um deles propósitos e métodos de pastoral¹⁶⁵. A aceitação dos noviços estava muito bem regulamentada. Para um noviço entrar na Congregação deveria possuir:

“...a pureza de sangue, saúde robusta, conhecimento do latim para os que se destinassem ao sacerdócio, um mínimo de dezoito anos e costumes irrepreensíveis. No fim do ano de noviciado e, tendo em conta o préstimo e comportamento global do

¹⁶⁰ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos...*, p. 330.

¹⁶¹ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos...*, p. 330.

¹⁶² SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 133.

¹⁶³ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 135.

¹⁶⁴ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 135-136.

¹⁶⁵ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 135-136.

pretendente, havia uma votação, que, para dar resultado positivo, deveria recolher, pelo menos, três quartos dos votos favoráveis. Nesse caso, o noviço trocava a roupeta cinzenta pela preta, entrando no grémio dos congregados de pleno direito. O papel do mestre de noviços era essencial e, por isso, rodeava-se a sua eleição do máximo cuidado”¹⁶⁶.

Aqui vemos a exigência observada pelos oratorianos no que se refere ao recrutamento, digamos assim, de futuros congregados.

Como em todas as instituições, era necessário ter alguém responsável pelas várias vertentes governativas. Cada comunidade tinha um prepósito que era o responsável pela governação da casa, a quem todos obedeciam. Havia também um Prefeito Espiritual, responsável pelo Oratório e direcção espiritual de toda a comunidade. Por fim temos os oficiais maiores, constituídos por três elementos, que tinham como missão definir as linhas de orientação da administração da casa e ainda a designação, por eleição, dos restantes cargos, tais como: “...*mestre dos noviços, corrector, mestre de filosofia ou teologia, sacristão, porteiro, enfermeiro, procurador bibliotecário, etc.*”¹⁶⁷.

Nenhum destes cargos era vitalício pois cada um dos membros exercia as suas funções num período trienal. Esta rotatividade permitiu uma permanente renovação da disciplina e espiritualidade de cada uma das casas fundadas. Mas para entendermos melhor o espírito oratoriano temos de analisar a distribuição de tarefas e obrigações, isto é, como era o seu funcionamento a nível interno. Havia em cada casa três categorias de pessoas: os noviços, que vestiam roupas cinzentas, os estudantes que vestiam uma roupeta parda e os oratorianos que se diferenciavam dos restantes pois vestiam a roupeta preta, constituídos por padres e irmãos coadjutores. Isto para dizer que cada um ocupava e desempenhava a sua função de modo exemplar. Havia horas de levantar, de deitar, de comer, de lazer e não menos importante, de exercícios de piedade¹⁶⁸.

Como em todas as comunidades, tem de haver uma certa disciplina e rigor. O padre Bartolomeu do Quental, com o intuito de difundir a Congregação do Oratório em Portugal, observando em parte, aquele que tinha sido fundado em Itália por S. Filipe de Néri, conseguiu, ao longo do século XVII e parte do XVIII, implementar em Portugal um novo sistema de ensino da Doutrina Cristã, da Moral, da Retórica, da Filosofia e da Teologia.

¹⁶⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 139.

¹⁶⁷ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 138.

¹⁶⁸ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos...*, p. 331.

A obra do padre Bartolomeu do Quental estendeu-se um pouco por todo o país devido à sua teimosia, em parte, mas também pela sua capacidade organizativa e intelectual. Como foi dito anteriormente, ele soube aproveitar o facto de ter sido um dos grandes pregadores da Corte, e assim obter privilégios por parte dos reis de Portugal, nomeadamente do rei D. João IV e de D. Pedro II. Mas também teve a sorte de ter ao seu lado pessoas admiráveis que o ajudaram a implementar em Portugal uma nova Congregação religiosa de padres seculares e leigos: a Congregação do Oratório.

CAPITULO III

ESCRITOS DO VENERÁVEL PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL

Neste terceiro capítulo vamos fazer uma pequena abordagem aos escritos publicados do padre Bartolomeu, para melhor percebermos a sua espiritualidade.

No primeiro ponto, iremos ordenar alguns traços da parenética oratoriana e, seguidamente, apresentar esses traços em algumas passagens dos seus sermões. No segundo ponto, vamos apresentar, se bem que resumidamente, as obras por ele redigidas.

Interessa-nos fazer uma pequena abordagem aos escritos do padre Bartolomeu do Quental, nomeadamente os sermões pregados na Corte Real. Não vamos fazer uma análise extensa a todos os sermões, mas sim, expor alguns excertos, de modo a percebermos a sua influência como pregador da Capela Real e também entender o estilo que ele utilizava.

1. O ministério da palavra ao longo dos tempos

Diz Eugénio dos Santos:

“O ministério da palavra revestiu-se de grande cuidado, preparação e vigilância constantes entre os oratorianos. Era o púlpito um lugar privilegiado de comunicação social, de larguíssima influência sobre a psicologia colectiva. Dele se catequizava, se comentavam os principais acontecimentos do tempo, políticos, religiosos, morais, se fazia uma análise crítica da sociedade contemporânea, enfim, se louvava ou se escarpelizava. O pregador tinha ao seu alcance um extraordinário meio de condução das massas que não convinha deixar de aproveitar o melhor possível dentro da sua perspectiva ou mundividência. Os congregados tinham nas práticas que antecediam, em regra, a oração mental e nos sermões uma oportunidade do maior alcance colectivo. Não era por acaso que a concórdia social, um dos fins do seu instituto, começava sempre pelo ordenamento de sermões a isso dirigidos. O sermão criava um clima de generosidade, de arrependimento colectivo, de que o missionário sabia extrair o máximo resultado, mormente nas aldeias, onde através dele procurava obter um verdadeiro choque de massas”¹⁶⁹.

O padre Bartolomeu do Quental desempenhou com admirável virtude e sentido de responsabilidade a sua função como Pregador da Capela Real. Com o desenrolar do tempo, vendo a ignorância e indiferença dos fiéis, procurava, através da parenética, contrariar esse mal e exortar a prática do bem. Tendo em conta o contexto português,

¹⁶⁹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 273.

mais propriamente no que se refere à parenética na segunda metade do século XVII, esta encontrava-se desacreditada, salvo raras excepções. Nesta fase, “*raramente os pregadores subiam ao púlpito movidos pelo zelo da salvação do próximo e pelo desejo de esclarecimento dos fiéis*”¹⁷⁰. Uma das excepções nesta época foi, sem dúvida, o padre Bartolomeu do Quental.

Ele exerceu por mais de dez anos o cargo de pregador da Capela Real e, como tal, conhecia de perto as fragilidades e vicissitudes do contexto social, político e também religioso que se vivia nesse tempo. Como dissemos, o padre Bartolomeu foi uma excepção e podemos ver isso mesmo numa das biografias que se encontram no Arquivo das Congregações, transcrita pelo Professor Doutor Eugénio dos Santos:

“Erão os seus discursos sólidos, fundados em razoens convenientes, os assumtos graves e verdadeiros, não estribados em subtilezas vãans, que servindo ao aplauzo deixão os ouvintes sem proveito. Tudo representava com tanta graça, e viveza, que os ouvintes como dependurados daquela eloquência santa se alheavam de si como se os atrahira encantamento de força invisível: e daqui nascia que muitos detestando as culpas lavarão as passadas manchas na agoa das suas lagrimas. Deste modo forão muitas as conversoens de pecadores que tirou do atoleiro dos vícios os quaes perseverando no caminho da vida espiritual vierão a fazer grandes progressos na virtude”¹⁷¹.

Nesta passagem vemos que o padre Bartolomeu do Quental aproveitou bem o facto de ter sido pregador na Corte, e desenvolveu aquilo a que se veio a chamar a parenética oratoriana. Esta baseava-se na objectividade, na simplicidade e na eficácia. O objectivo primordial dos pregadores oratorianos, baseando-se no seu fundador, era a salvação do próximo. E, para isso acontecer, os sermões deveriam ter uma linguagem e raciocínio convincentes, simples e intuitivos, de maneira a aumentar o interesse dos ouvintes¹⁷².

A parenética, nesta altura, era muito utilizada, principalmente em alguns acontecimentos tais como:

“Os sufrágios, entradas ou aniversários de pessoas reais, as preces ou festas gratulatórias por calamidades públicas e as procissões, ofereciam inúmeras oportunidades para sermões, ouvidos com mais deleite que proveito espiritual, dado o seu carácter de manifestações mundanas: todos, do plebeu ao nobre, da alcoviteira à dama, do padre ao cavaliço e ao soldado, acorriam a ouvi-los”¹⁷³.

¹⁷⁰ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 273.

¹⁷¹ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 275.

¹⁷² Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, pp. 275-276.

¹⁷³ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 276.

Era habitual a encomenda de sermões, bem como os assuntos que estes deveriam tratar. Segundo Eugénio dos Santos, esta situação limitava a acção parenética dos oratorianos e, como tal, os estatutos, citados pelo mesmo autor, previam o seguinte:

“nenhum Pregador dos nossos poderá pregar na Cidade, senão na nossa casa, nem fora da Cidade senão indo em missão. E este Estatuto será inviolável, sem se admitir exemplo em contrário, porque só deste modo se pode assegurar preguem como convem, se andarem divertidos...”¹⁷⁴.

A intenção da Congregação do Oratório era proporcionar uma nova vida, digamos assim, aos púlpitos, como lugar da palavra de Deus, ou seja, “*restituir [...] a pureza primitiva de intenções e objectivos e fazer deles um lugar de exposição de sã doutrina e de catequese e não um lugar de polémica ou diversão*”¹⁷⁵.

Uma das características do padre Bartolomeu era a maneira como prendia o auditório, isto é, a forma cativante como pregava a palavra de Deus. Tendo em conta esta caracterização, os sermões obedeciam a certos cânones externos, garantindo assim a sua receptividade¹⁷⁶.

Para além do padre Bartolomeu do Quental, outro padre também se destacou na parenética oratoriana: o caso do padre Manuel Bernardes¹⁷⁷ que foi um discípulo exemplar do fundador da Congregação do Oratório em Portugal.

No que diz respeito à duração dos sermões, estes não deveriam ultrapassar o tempo de uma hora e a voz do orador deveria fazer-se ouvir. Mas mais importante do que isto, era a forma de como o pregador pregava, sobretudo observando o exemplo, a humildade e a caridade para com o próximo. A construção dos sermões era simples, isto é, escolhia-se uma passagem do Evangelho, concordando-a com passagens do Antigo Testamento ou de outro Evangelista e depois passava-se para o quotidiano, para a aplicação à vida. A fonte primordial dos sermões era a Sagrada Escritura¹⁷⁸.

¹⁷⁴ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 277.

¹⁷⁵ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 277.

¹⁷⁶ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 278.

¹⁷⁷ O padre Manuel Bernardes nasceu em Lisboa no dia 20 de Agosto de 1644. Filho de João Antunes e de Maria Bernardes. Entrou para a Congregação do Oratório no dia 14 de Julho de 1674 sendo já sacerdote. Na Congregação do Oratório ocupou os cargos de Deputado, secretário do Mestre dos noviços e também Prefeito Espiritual. Morreu no dia 17 de Agosto de 1710 (Cf. LIMA, de Ebion – *O Padre Manuel Bernardes: Sua vida, obra e doutrina espiritual*. Lisboa/Rio de Janeiro: Moraes Editores, 1969, pp. 6-8).

¹⁷⁸ Cf. SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 281.

1.1. Sermões do padre Bartolomeu do Quental

No prólogo, que antecede os sermões publicados, da autoria do padre Bartolomeu do Quental diz o seguinte:

“Lembrado estou, de que no Prologo ao segudo Tomo das Meditaçoens da Sacratissima Payxão de Christo Senhor nosso, que dey à imprensa... prometi sair com o terceyro da sua gloriosa Ressurreyção... & depois continuar em outro, ou outros as mays da vida do Senhor... À primeyra parte desta promessa satisfiz com o terceyro Tomo de Meditações; à segunda não pude ainda satisfazer... E vendo alguma pessoas, ou mays zelosas, ou mays amigas, que se dilatava tanto a satisfação desta promessa, me persuadirão a que entretanto a dêsse de algum modo com alguns dos meos sermoens; & suposto que nem pela imaginação me passava dallos à imprensa, pelo bayxo conceyto que deles fazia, me pareceo condencer com os seos rogos, & e a esse fim desenterrey da sepultura do esquecimento de todos & também do meo, alguns dos que prèguei no seculo, & me parecerão mays doutrinaes... E se a multidão de Sermões que andão impressos de tantos, & tam vários Prègadores, & muytos dellestam insignes me desanimava nesta empresa, me animou considerar, que se alguns deles forem inferiores, no número dos seos poderàm entrar estes... Só hua cousa posso oferecer em obsequio do Leitor, o serem estes Sermões breves, porque podendo sem os acrescentar fazer mais dilatados, ou pela esterilidade do engenho, ou pela inclinação ao estylo sucinto, mays depressa para me explicar lhes faltarão palavras do que sobejem, pera que ao menos não sejam tão fastidiosos, quando nam sejam agradáveis. Mas ainda assim agora hey de ver, & hey de provar a piedade do Leitor, porque se os não ler com paciencia & não desculpar os seos erros com charidade, o não terey por tam pio como cuidava”¹⁷⁹.

Esta passagem mostra claramente o propósito destes sermões pregados na Corte e em alguns lugares. O objectivo do padre Bartolomeu do Quental passa pelo anúncio do Evangelho, principalmente nos tempos litúrgicos mais exigentes, digamos assim, como são os casos do tempo do Advento e da Quaresma. Os seus sermões caracterizam pela correcção dos erros operados pelo homem e pela mulher.

Só passados trinta anos de ter deixado a função de Pregador na Corte é que o padre Bartolomeu do Quental resolve publicar dois volumes de sermões¹⁸⁰. Neste ponto, seguiremos de perto o artigo publicado por Lucília Gonçalves Pires na revista da Faculdade de Letras do Porto¹⁸¹.

¹⁷⁹ Citado de PIRES, Lucília Gonçalves – *Para uma História das Ideias Literárias em Portugal*, I.N.I.C., Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa, 1980, pp. 37-38.

¹⁸⁰ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1ª parte, Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, 1692; Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 2ª parte, Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, 1694.

¹⁸¹ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental, pregador da capela real*, Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas. Anexo V – Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII, Porto, 1993, pp. 155-170.

Há duas informações que nos podem ser úteis para a compreensão dos sermões. A primeira refere-se à *distância psicológica*¹⁸² que vai desde o tempo da pregação até à publicação dos sermões. Segundo diz o próprio padre Bartolomeu do Quental, os seus textos foram desenterrados da “*sepultura do esquecimento de todos e também do meu*”¹⁸³. Ele apresenta um certo desinteresse na publicação dos seus sermões pregados na Corte e mostra a sua resistência em relação à sua actividade como pregador na Capela Real. Numa passagem do prólogo mostra isso mesmo:

“e sempre esta ocupação da predica me foi violenta, e como o violento não é de muita dura, a vim a largar, ou trocar; e a esse fim me escusei de Pregador de Sua Majestade, que depois de muita instância, consegui; e se em ma dar me fez Sua Majestade uma grande merce a mim; em me escusar dela, fiz eu também um não pequeno serviço a Sua Majestade, para que a pudesse prover em sujeito de maior capacidade, maiormente não lhe podendo assistir entrando na Congregação, de cuja fundação já se tratava” (prólogo «Ao pio leitor»).

Nesta passagem é possível constatar que ele teve ao longo dos anos uma actividade muito intensa enquanto pregador da Capela Real, já que, numa certa fase da sua vida, projectara a fundação da Congregação do Oratório.

A segunda refere-se ao critério de escolha dos textos para a futura publicação que, segundo ele, seriam mais doutrinais¹⁸⁴.

De todos os sermões proferidos enquanto pregador da Corte, o padre Bartolomeu do Quental escolheu os mais doutriniais. Estes foram pregados antes da fundação do Congregação. Nestes é perceptível a crítica que ele faz “*aos vícios da camada social a que se dirige*”¹⁸⁵.

Percorrendo os vários sermões, nota-se que cada texto bíblico comentado por ele, aplica-se às várias situações da vida, isto é, contrasta o modo de viver apresentado na Sagrada Escritura com o comportamento daqueles que se diziam cristãos e que não viviam como tal. É escasso o número de autores e de textos referenciados pelo padre Bartolomeu do Quental nos seus sermões. Para além da Sagrada Escritura, que é sem dúvida a principal fonte, apenas encontramos referenciados alguns autores tais como: S.

¹⁸² Segundo Lucília Gonçalves Pires, a distância cronológica significa uma distância psicológica.

¹⁸³ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 157.

¹⁸⁴ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 158.

¹⁸⁵ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes*, I.N.I.C., Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa, 1980, p. 57.

Agostinho, S. Jerónimo, S. Bernardo e S. João Crisóstomo¹⁸⁶. No prólogo diz mesmo isso:

“Se se reparar em não alegar muitos Expositores e Santos Padres, advirto que não foi por falta de vontade ou de estimação, que a faço grande da sua autoridade, mas porque ao princípio comecei com a Bíblia e algum livro mais, e depois poucos mais foram (...)”¹⁸⁷.

Tendo em conta a passagem acima citada, é possível constatar que a palavra de Deus, principalmente os Evangelhos, que retractam a vida terrena de Jesus Cristo, influenciam significativamente a actividade do padre Bartolomeu do Quental enquanto pregador¹⁸⁸.

Nos dois volumes publicados, estão presentes trinta e dois sermões da sua autoria, dezasseis em cada, não obedecendo a uma ordem cronológica, nem litúrgica, mesmo ainda que o primeiro sermão de cada volume corresponda ao tempo do Advento¹⁸⁹. Dos trinta e dois sermões publicados nos dois volumes, vinte e dois foram pregados na Capela Real e os restantes dez pregados em várias Igrejas.

Sermões do padre Bartolomeu do Quental

I Volume

1. Sermão do Juízo final;
2. Sermão da Cinza;
3. Sermão da Dominga da Septuagésima;
4. Sermão da Circuncisão;
5. Sermão da 2ª Dominga do Advento;
6. Sermão da 4ª Quarta feira da Quaresma;
7. Sermão da 1ª Dominga da Quaresma;
8. Sermão da 1ª Sexta feira da Quaresma;
9. Sermão da 3ª Sexta feira da Quaresma;
10. Sermão da 6ª Sexta feira da Quaresma;
11. Sermão do Mandato;

¹⁸⁶Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...»*, pp.57-58.

¹⁸⁷ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 161.

¹⁸⁸Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...»*, p. 58.

¹⁸⁹ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 158.

12. Sermão da Soledade;
13. Sermão do Santíssimo Sacramento;
14. Sermão de São José;
15. Sermão das Exéquias;
16. Sermão da 4ª Dominga do Advento.

II Volume

1. Sermão do Juízo, 1ª Dominga do Advento;
2. Sermão da 2ª Dominga do Advento;
3. Sermão da 3ª Dominga do Advento;
4. Sermão da 4ª Dominga do Advento;
5. Sermão da Imaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa;
6. Sermão da Cinza;
7. Sermão da 4ª Sexta feira da Quaresma;
8. Sermão de uma profissão na festa de São João Baptista;
9. Sermão da 2ª Sexta feira da Quaresma;
10. Sermão da Santíssima Trindade;
11. Sermão da 5ª Quarta feira da Quaresma;
12. Sermão de Santa Clara;
13. Sermão da 1ª Sexta feira da Quaresma;
14. Sermão do Mandato;
15. Sermão do Sacramento;
16. Sermão da 3ª Dominga da Quaresma.

1.2. Análise aos sermões

Vamos fazer uma pequena análise a algumas partes dos sermões do padre Bartolomeu do Quental, principalmente os proferidos na Corte que “...se dirigem a um público bem caracterizado e relativamente homogéneo”¹⁹⁰. Não queremos fazer uma análise exegética dos seus sermões mas sim fazer uma aproximação aos seus escritos, de modo a percebermos quais as suas motivações como cristão e acima de tudo como padre.

¹⁹⁰ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 159.

Para melhor percebermos o estilo dos seus sermões, é preciso ter em conta algumas características¹⁹¹:

1. Em primeiro lugar, há nos seus sermões referências intratextuais que nos indicam o tempo litúrgico em que o sermão é dito, que determina o tema que será tratado e desenvolvido. Uma das curiosidades patentes nos seus sermões é o facto de estes privilegiarem os tempos litúrgicos de penitência e de conversão que são os do Advento e da Quaresma.
2. Em segundo lugar, faz referência aos destinatários dos sermões, isto é, em todos os sermões, logo no início, interpela o auditório recorrendo sempre à mesma expressão: “*muitos altos e poderosos reis e senhores nossos*”¹⁹².
3. Por fim, dá algumas indicações do lugar e data e nas margens, indica os factos que lhe serviam para o pretexto.

Este tipo de esquema, digamos assim, não é exclusivo do padre Bartolomeu do Quental. As notas que aparecem nos sermões, ajudam o leitor a perceber qual o tema, o local, os destinatários bem como as passagens bíblicas a que o sermão faz uma exegese. Vejamos alguns exemplos de como se constituem os sermões:

No Sermão do Juízo, do ano de 1657, ele diz o seguinte:

“Então pagará o Sol o cilício que não pôs, a Lua a disciplina que não tomou, as Estrelas a oração que não fizeram; então saberá o Sol, se era bom trazer cilício, então saberá a Lua, se era bom tomar disciplina, então saberão as Estrelas, se era bom ter Oração”¹⁹³.

E a nota diz o seguinte: “*Esta doutrina se encaminhava ao Rei, à Rainha e às damas e mais senhoras*”¹⁹⁴.

No sermão do 4.º Domingo do Avento do ano de 1658 interpela:

“E ainda haverá quem se não converta? Quem não faça penitência? Que desculpa temos para não fazer uma resolução? Ainda as desculpas são piores que o caso. Uns se desculpam de não tratarem muito de sua salvação, e fazerem penitência, porque os

¹⁹¹ Este esquema segue o de: PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 159.

¹⁹² PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 159.

¹⁹³ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 2ª parte..., p. 21.

¹⁹⁴ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 2ª parte..., p. 21.

outros se riem, e zombam destas, que chamam cerimoniais; zombem embora, deixai-os rir agora de vós, que vós vos ríreis alguma hora deles: bem se ria o Avarento na vida das penitências do pobre Lazaro, mas muito se ri agora o pobre Lazaro do Avarento. Outros desculpam-se, e atemorizam com o que diz o mundo, que é por este ou aquele motivo, que o fazem com esta, ou aquela tensão”¹⁹⁵.

Na nota diz o seguinte: “*Neste tempo se davam no Palácio, e na Capela Real muitas pessoas aos exercícios da virtude, e outras o não faziam por temor das murmurações*”¹⁹⁶.

No Sermão do Juízo Final, no ano de 1660, ele diz o seguinte:

“De sorte que naquele dia farão os astros celestes rigorosa penitência, o Sol porá um saco de cilício, a Lua tomará disciplina até se banhar em sangue, as Estrelas prostradas por terra, se porão em oração; pois valha-me Deus, com cilício o Sol, com disciplina a Lua, em oração as Estrelas, os astros celestes cobertos de trevas, e escurecidas suas luzes, isto se viu já no monte Calvário; mas fazendo penitência, que jamais o viu?”¹⁹⁷.

E a nota acrescenta: “*Esta doutrina se encaminhava ao Rei, à Rainha e às damas*”¹⁹⁸.

No mesmo sermão, interroga-se:

“E que digo eu uma Monarquia? Todo o mundo arruinou o conselho: que de doenças, que de trabalhos, que de necessidades, que de guerras introduziu, que de almas condenou um só conselho que a serpente deu a Eva? Tenha Eva muito sentido nos conselhos das serpentes: não me espanto de que Deus Senhor nosso assim condene um só conselho mau: não lemos que Achitosel governando com dois Reis desse conselho mau mais que um; e muitos bons, e contudo o condenou Deus com pena eterna; porque um conselho mau é o mesmo que se forão muitos”¹⁹⁹.

E a nota acrescenta: “*Neste tempo governava a Rainha Mãe*”²⁰⁰.

No sermão da 6.^a sexta-feira, no ano de 1663, o padre Quental diz o seguinte:

“E se Cristo fez tanto, e outros a seu exemplo fizeram, e fazem tanto pelo Céu, que fazemos nós pelo mesmo? *Quid facimus?* Que fez Cristo para ganhar o Céu para nós: e que fizeram, e fazem outros a seu exemplo, para ganharem o Céu para si? O que Cristo fez, não é necessário que oiçais pela manhã, quando o podeis ver à tarde; quando o vires, considerai, que de dores, que de opróbrios, que de tormentos, que de sangue custou a Cristo Jesus ganhar o Céu para nós”²⁰¹.

¹⁹⁵ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 2^a parte..., p. 114.

¹⁹⁶ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 2^a parte..., p. 114.

¹⁹⁷ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1^a parte..., p. 23.

¹⁹⁸ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1^a parte..., p. 23.

¹⁹⁹ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1^a parte..., p. 32.

²⁰⁰ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1^a parte..., p. 32.

²⁰¹ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1^a parte..., p. 309.

E a nota diz: “*Na tarde deste dia se faz a procissão do Carmo com os passos da Paixão*”²⁰².

No Sermão da 3.^a sexta-feira da Quaresma, do ano de 1664, ele aborda incessantemente o tema do pecado e, a certa altura, diz o seguinte:

“Pergunto: Qual será a razão, porque pecando estes homens até agora com mais temor, e mais recato matando os servos dentro na vinha, já agora matam o filho sem pejo, induzindo-se publicamente, e fora dela? Quem assim os desaforou que cometem um crime tão atroz sem pejo? Donde lhes nasceo agora esta maior soltura com que pecarão? De darem agora em uma cousa, que não tinham dado até então; agora deram em que era meio matar para ter”²⁰³.

E a nota escreve o seguinte: “*Era em tempo que se faziam muitos homicídios e, segundo se dizia, se tirava deles lucro*”²⁰⁴.

Com estes exemplos é nos possível constatar que o padre Bartolomeu tinha uma certa disciplina na elaboração dos seus sermões, nomeadamente os pregados na Capela Real, com o objectivo de elucidar e educar todos aqueles que o escutavam. Este tipo de informações é recorrente nos seus sermões de modo que ajudam a quebrar a distância que vai desde o leitor até ao tempo em que eles foram proclamados²⁰⁵.

Na sua biografia diz o seguinte:

“Pregando o V. P. na Capella Real no anno de 1663 presente El-rei e toda a Corte (não sabemos em que dia), introduzio no sermão a doutrina accomodada ao modo com que os Reys devem governar os povos que Deus confiou a seu imperio: e no discurso fez cargo a El-Rey da sua grande inacção e descuido nas obrigaçoens de seu estado e juntamente dos escandalozos excessos que cometião os seus validos com tão grave dano da Republica.

Nesta invectiva perseverou por largo tempo talvez por lhe parecer então que seria fructuoza. Entende-se porem que no mesmo acto de pregar teve revelação em contrario e que Deus lhe mostrou claramente que El Rey se não emendaria e por esta cauza o privarião do Reino. O fundamento desta persuasão he gravíssimo e parece que o mesmo successo confirma o que dizemos. Estando o servo de Deus no maior fervor da sua invectiva fez huma breve pausa e levantou os olhos ao Ceo, como quem escutava o que de lá lhe dizião: e logo de repente voltando-se para a tribuna onde estava El Rey, com voz clara, sonora e inteligível, proferio as seguintes palavras: «Auferetur a vobis regnum et dabitur genti facienti fructus

²⁰² Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1ª parte..., p. 309.

²⁰³ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1ª parte..., pp. 270-271.

²⁰⁴ Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1ª parte..., p. 271.

²⁰⁵ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 158.

eius». Tirar-se-vos há, Senhor, o Reino e darse-já a quem encha as obrigações de hum Rey Christão”²⁰⁶.

Segundo Lucília Pires, esta passagem acima citada, refere-se ao sermão pregado na 3.^a sexta-feira da Quaresma de 1664²⁰⁷, em que o padre Bartolomeu do Quental questiona a má gestão do rei D. Afonso VI, denunciando os seus escândalos²⁰⁸.

O padre Bartolomeu do Quental era, também, “*um pregador-moralista*”²⁰⁹. Note-se que “*o conteúdo dos sermões oratorianos era moral e doutrinal*”²¹⁰. Para além do apelo à conversão ou à renúncia do pecado, há também traços que correspondem à sua natureza sócio-política, já que os destinatários eram elementos da Corte²¹¹, tais como:

“...a responsabilidade dos grandes no cumprimento ou violação da lei divina por aqueles que deles dependem (Sermão da 3.^a sexta-feira da Quaresma; Sermão da 4.^a Domingo do Advento); a necessidade de tratar dos negócios do Estado no tempo adequado (Sermão da Circuncisão); a condenação dos caminhos desordenados da obtenção de «grande nome» (idem); a denúncia do nepotismo que leva a colocar em lugares de responsabilidade pessoas incapazes (Sermão da Septuagésima); o desmascaramento do interesse próprio encoberto por máscaras de «zelo comum» ou de dedicação pessoal (Sermão da 6.^a sexta-feira da Quaresma); o desengano da vaidade dos «pontos de honra», das ilustres árvores genealógicas, dos pomposos monumentos funerários (Sermão do Juízo Final, de 1660)”²¹².

Podemos concluir este ponto afirmando que os seus sermões anunciam o temor da condenação, sem ser obsessivo. Pregações que condenam os vícios e corrupções daqueles que seguiam os ensinamentos de Jesus Cristo. O padre Quental, com a sua parenética soube elevar os ensinamentos de Jesus Cristo a um patamar por poucos pregadores alcançado.

2. Outros escritos

Para além dos sermões, o padre Bartolomeu do Quental publicou mais duas obras: *Meditações sobre a Vida de Cristo*, em três volumes: *Meditações da Infância de Cristo Senhor Nosso*; *Meditações da Sacratíssima Paixão e Morte de Cristo Senhor*

²⁰⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 349.

²⁰⁷ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 165.

²⁰⁸ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, pp. 165-166.

²⁰⁹ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 166.

²¹⁰ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal...*, p. 280.

²¹¹ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 166.

²¹² PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental...*, p. 166.

Nosso; Meditações da gloriosa Ressurreição de Cristo Senhor Nosso e as Meditações das Domingas do Ano também em três volumes²¹³.

Neste ponto, vamos abordar resumidamente as características essenciais das meditações elaboradas pelo padre Bartolomeu, de modo a percebermos que ele era muito metódico em tudo o que fazia.

Através dos seus escritos, principalmente nas meditações que escreveu, podemos ver a importância que dá à palavra de Deus, nomeadamente no que diz respeito à vida de Jesus. Assim, os passos de Jesus Cristo, descritos nos Evangelhos, mostram o centro da sua actividade parenética²¹⁴. Esta atitude espiritual fixada na vida de Cristo, torna-se explícita nos seis volumes de meditações escritos pelo padre Bartolomeu.

As meditações são introduzidas por um texto de carácter didáctico, isto é, uma *Direcção para a oração mental e mais exercícios espirituais*, com o intuito de orientar o leitor para a meditação, como acontece nos outros dois volumes. Os textos que encontramos neste primeiro volume de meditações fazem uma apologia à oração mental e indicam a forma de como os leitores a devem por em prática. De uma maneira simples, mas eficaz, explica as várias partes que constituem a oração mental e consequentemente o modo de proceder em cada meditação. Finalmente, dá instruções no que diz respeito a outras práticas fazendo referência ao exame de consciência, à confissão e à comunhão espiritual e sacramental²¹⁵.

Os exercícios espirituais começam, em primeiro lugar, com uma preparação, isto é, um momento de recolhimento interior e exterior, passando depois para a meditação, que era a parte mais importante. Ele aconselha dois autores para a meditação: o padre Luís de La Puente e o padre Tomás de Villacastín. Segue-se o oferecimento, ou seja, agradecer a Deus tudo aquilo que Ele proporciona aos seus filhos, e a petição. Depois algumas advertências sobre a oração, exame de consciência, confissão e por fim a comunhão²¹⁶.

A publicação do primeiro volume de meditações ocorreu no ano de 1666 com o título: *Meditações da Infância de Cristo Senhor Nosso*. Este livro foi escrito antes da fundação da Congregação do Oratório.

²¹³ Cf. LIMA, de Ebion – *O Padre Manuel Bernardes: Sua vida, obra e doutrina espiritual...*, p. 58.

²¹⁴ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...*, p. 58.

²¹⁵ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...*, p. 58.

²¹⁶ Cf. Quental, Bartolomeu do – *Meditações da Gloriosa Ressurreição de Cristo com a Direcção para a Oração Mental*, Lisboa, 1683, pp. 1-32.

Uns anos mais tarde decide publicar mais dois volumes de meditações, que vão na mesma linha do primeiro: *Meditações da Sacratíssima Paixão e Morte de Cristo Senhor Nosso* (1675) e *Meditações da gloriosa Ressurreição de Cristo Senhor Nosso* (1683). No ano de 1695, três anos antes da sua morte, o padre Bartolomeu publica mais três volumes de meditações: *Meditações das Domingas do Ano*. Nestes textos encontramos também uma apologia à oração mental. As meditações encontram-se divididas por pontos, seguidas de um breve resumo e têm como tema o texto do Evangelho próprio do dia²¹⁷.

Podemos concluir, neste último capítulo, que todas as obras escritas pelo padre Bartolomeu do Quental estão marcadas pela preocupação dada à doutrina e, fundamentalmente, uma espiritualidade centrada na oração mental, seguindo muito de perto a vida de Jesus Cristo.

²¹⁷ Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...»*, p. 58.

CONCLUSÃO

No final desta abordagem podemos dizer com razão que o padre Bartolomeu do Quental é, à maneira de todos os grandes evangelizadores, um não acomodado ministro da Igreja. Bem poderia ele, como tantos do seu tempo, viver na despreocupação que o seu cargo, como Pregador e Confessor lhe conferia. Ao invés, preocupou-se seriamente com a renovação da Igreja em Portugal e com a salvação das almas.

Este trabalho não lhe faz toda a justiça, porque bem requeria este estudo mais tempo e cuidado que os prazos limitados não permitem. Ainda assim, não obstante, o principal objectivo deste pequeno trabalho foi alcançado, isto é, compreender um autor que nas contingências e limitações do seu tempo soube discernir e dar respostas cristãs aos problemas da sua época.

A preocupação que moveu o padre Bartolomeu do Quental foi, sobretudo, um caminho de revalorização da parenética (reconduzindo-a à sua função primordial) e um esforço sincero e de rigor na formação espiritual dos oratorianos.

Podemos dizer que os oratorianos (a par de outros movimentos e congregações) conseguiram vislumbrar naquilo a que hoje podemos chamar a leitura dos sinais dos tempos as necessidades da Igreja no seu tempo e alcançar para o povo de Deus um precioso contributo: o desafio da Santidade. Ora isto não nos deve ser de forma alguma alheio ou indiferente, antes nos deve motivar a trabalhar no sentido de também hoje, à luz do Evangelho, darmos respostas evangélicas aos problemas do nosso tempo.

Neste sentido deve entender-se este trabalho a partir do centro, isto é, o segundo capítulo, uma vez que toda a figura do venerável padre Bartolomeu do Quental aí se encontra. A esta caracterização junta-se um primeiro capítulo que nos introduz na época, em que viveu o padre Bartolomeu, ímpar figura do seu tempo. O terceiro capítulo é uma aproximação aos seus escritos, sobretudo os sermões pregados na Corte. Nele buscamos a fonte das obras que muito nos edificou e que estão na origem da Congregação do Oratório em Portugal. A sua eloquência e capacidade de expressão são bem visíveis nos escritos, assim como a sua vontade e humildade esclarecidas, se tornam ao longo da sua obra referências que dificilmente deixam de impressionar o leitor.

Resta-nos ainda uma reflexão sobre as razões pelas quais tão pouco se tem escrito e estudado a obra e a vida do venerável fundador dos Oratorianos em Portugal. Em primeiro lugar, as suas obras de caridade à maneira de S. Filipe de Néri não me causaram grande impacto nas gerações que lhe seguiram. Mas acima de tudo, cremos que o principal motivo deste esquecimento se deve à extinção da Congregação por ele introduzida em Portugal, na extinção das Ordens Religiosas de 1834.

Por outro lado a sua erudição e parenética colocam-no entre os maiores pregadores e escritores da nossa já longa História, estando ao nível de personalidades como o padre António Vieira, seu contemporâneo, que todos hoje conhecemos.

Por tudo o que dissemos, concluímos que a vida do padre Bartolomeu do Quental foi verdadeiramente digna e virtuosa, principalmente no que diz respeito à difusão da obra de S. Filipe de Néri em Portugal e à obra escrita que nos legou.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

DUMEIGE, G. – História de la Espiritualidad. In Nuevo Diccionario de Espiritualidad. FIORES, de Stefano – GOFFI. T. (org). Ediciones Paulinas, 1983.

ORO, José Garcia – *Historia de la Iglesia*. III: Época Moderna. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

PIRES, Lucília Gonçalves – *Para uma História das Ideias Literárias em Portugal*, I.N.I.C., Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa, 1980.

SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal: Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto, 1982.

SARAIVA, José Hermano Saraiva – História de Portugal: Progressos e conflitos sociais; A solução Atlântica; Monopólio oriental. [S. l.]: Publicações Europa-América, 2013. vol. 3.

TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja*. Nem Martins: Publicações Europa-América, 1996.

2. Bibliografia Geral

ALMEIDA, Fortunado de – *Ausência de relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé depois da aclamação de D. João IV – A questão da confirmação dos bispos*. In História da Igreja em Portugal, Nova edição preparada por Damião Peres. Barcelos, 1967-1971, II vol.

ALMEIDA, Fortunato de - *Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri* - In História da Igreja em Portugal. Nova edição preparada por Damião Peres. Barcelos, 1967-1971, II vol.

FERNANDES, Maria de Lurdes C. – Espiritualidade. II. Época Moderna. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. II.

FERREIRA, António Matos – Espiritualidade. III. Época Contemporânea. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. IV

GOMES, João Pereira – *Os professores de Filosofia da Universidade de Évora*. Lisboa, 1960.

HESPANHA, António Manuel – *A igreja, in História de Portugal, O Antigo Regime*, vol. IV. MATOSO, José (Dir), Editorial Estampa, 1994.

JORGE, Ana Maria C. M. – Priscilianismo. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol IV.

LIMA, de Ebion – *O Padre Manuel Bernardes: Sua vida, obra e doutrina espiritual*. Lisboa/Rio de Janeiro: Moraes Editores, 1969.

MAROTO, Daniel de Pablo – *Historia de la Espiritualidad Cristiana*. Editorial de Espiritualidad, 1990.

MARTINS, António Coimbra – Quental, Bartolomeu. In *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (org), vol. III, Iniciativas Editoriais, 1969.

MATTOSO, José – Espiritualidade. I. Época Medieval. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol. II.

PACHO, Eulogio – *Storia della Spiritualità Moderna*. Teresianum, Roma 1984.

PERES, Damião – *História de Portugal*, Edição Monumental, Portucalense Editora, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, 1934.

PERES, Damião – *História Política, A Restauração: partidários e adversários*. Cap. I. In *História de Portugal*, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, MCMXXXIV.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *O padre Bartolomeu do Quental, pregador da capela real*, Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas. Anexo V – Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII, Porto, 1993.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes*, I.N.I.C., Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa, 1980.

QUENTAL, Bartolomeu do – *Meditações da Gloriosa Ressurreição de Cristo com a Direção para a Oração Mental*, Lisboa, 1683.

QUENTAL, Padre Bartolomeu do -- In GRANDE ENCICLOPÉDIA portuguesa e brasileira. Lisboa: Ed. Enciclopédia, [1936-1960], vol. 23.

RIBEIRO, ANGELO - *História Política, Do Montijo à morte de D. João IV*. Cap. IV. In História de Portugal, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, 1934.

SANTOS, Eugénio dos – *Oratorianos*. In Dicionário de História Religiosa em Portugal. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo, Lisboa: Círculo de Leitores, 200-2001. Vol. III.

Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 1ª parte, Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, 1692.

Sermões do Padre Bartolomeu do Quental, 2ª parte, Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, 1694.

SESÉ, Javier – *Historia de la espiritualidad*. Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 2005.

SILVA, Ana Cristina Nogueira da, e HESPANHA, António Manuel – *A Identidade portuguesa, In História de Portugal, O Antigo Regime*, vol. IV. MATTOSO, José (Dir), Editorial Estampa, 1994.

XAVIER, Ângela Barreto; HESPANHA, António Manuel – *A representação da sociedade e do Poder*. In História de Portugal, O Antigo Regime, vol. IV. MATTOSO, José (Dir), Editorial Estampa, 1994.